

O Pobre de Pedir **de Raul Brandão**

Há precisamente um ano que Raul Brandão escreveu *O Pobre de Pedir*. Escreveu-o em três meses. Trabalhou durante este tempo com ardor, com todos os seus nervos, com toda a sensibilidade da sua alma, e com o seu coração sempre grande e generoso.

A sua obra escrevia-a com ímpeto, em apontamentos, e compunha-a na ocasião em que, ditando-ma, eu a escrevia antes de ir para a tipografia.

A morte, que mo roubou inesperadamente, não lhe deu tempo para fazer as modificações que decerto desejaria fazer, porque nunca o seu trabalho o satisfazia, tinha sempre que emendar.

Quando lhe falavam em algum dos seus livros em preparação e lhe perguntavam se estava pronto, respondia:

– Está pronto e nunca está pronto...

Por isso hesitei muito, e não sei se o magoarei publicando *O Pobre de Pedir* tal qual o deixou, mas sei que não devo guardar numa gaveta este seu último livro, em que há páginas, para mim, mais belas em dor, em humanidade, do que as de Dostoievski.

Que me perdoe o meu querido Raul se o publico contra a sua vontade, e que me perdoe também o atrevimento a que me dei tocando com as minhas mãos indignas em tão belas páginas onde está a sua alma viva e sã.

Dava tudo para o tornar a ver, para poder exprimir a dor, a saudade em que vivo desde que me deixou e partiu. Seria necessário inventar uma linguagem nova, palavras que nunca ninguém tivesse usado, para revestir a minha dor.

Na eternidade, creio e isso me consola, continuará a sentir a admiração e a adoração que por Ele sempre tive e continuarei a ter, até de novo, no céu, Deus para sempre nos juntar.

E enquanto andar neste mundo, para ti, meu querido morto, vão as minhas lágrimas de saudade e amargura.

MARIA ANGELINA

Setembro de 1931.

O pobre de pedir

Já não posso com estes tipos. A aldeia está a transformar-se numa coisa amarga, numa coisa vasta e amarga, que se não fez para os meus nervos delicados. A verdadeira dor e a verdadeira piedade têm um peso insuportável. Já não posso. Já não posso com esta mulher que passou por mim e olhou para mim – e eu fiquei para sempre ligado à figura inexpressiva e gasta –, nem com o Cego das Uveiras, que a cegueira tornou mais alto, e que não bole, fixando o céu, como se esperasse do céu um acto extraordinário, nem com todas estas figuras escavonçadas, que passam os dias da vida monótona, repetindo os mesmos gestos, cheios de terra e em contacto permanente com a terra.

– E Jesus que não vem!

Já muitos o viram. É um pobre – é um pobre de pedir –, é um fantasma. Ninguém sabe dizer como é esse vulto que desaparece na volta dos caminhos. Não traz sacola, e não passa talvez duma sombra, O seu silêncio mete medo. Viram-no, e quem o vê fica atónito como o Manco, que anda desvairado pelo alto dos montes, a desafiar o vento com um pau e a pedir lume ao fogo dos relâmpagos. Viu-o o Senhor José, espesso como granito, que nunca pôde comunicar comigo. Viu-o e calou-se. Mas sei que viu o Pobre, porque se pôs a olhar para mim duma maneira singular... E o Manco teima e diz, com a ponta do cigarro requeimado ao canto da boca:

– Jesus Cristo há-de voltar para nos dar a terra.

– Voltar?!

– Os pobres hão-de ser sempre pobres.

E o Fortunato:

– Sempre. Sem pobres acabava-se o mundo.

– O mundo é dos pobres!

Acodem os jornaleiros secos e ressecos, as velhas das cabanas e outros – lá dos altos, para ouvirem o Manco. À noite, nos sítios ermos, juntam-se em bando o Ai-Jesus, o Ladrão, o Seringa, o Abelheiro e alguns tipos escalavrados, e todos eles o querem ver e ouvir.

– Vi-o!

Também a senhora Emília, cada vez mais apagada e humilde, o espera com o olhar que revela um peso insuportável.

Sentada no lar, não tira os olhos de Fortunato. Vai-lhe falar? Não se atreve. Não bolem, ele negro e curvado, ela em frente com a boca sumida e as cinzas frias ao meio dos dois a separá-los. Amar não é nada. Amar na dor e na desgraça é que é a lei suprema da vida.

Ecoam os passos na eira deserta, abre-se a porta da cozinha e o criado atira ao lume um braçado da poda: entre estalidos, a labareda ilumina as figuras atentas, o homem seco como as vides e com a cabeça toda branca; a senhora Emília metida na sombra, calada como se não existisse; os filhos, o José que é ladrão, a Rosa que acabou nas vielas; e o criado, o Manco, sempre a cantar, como aqueles grilos a quem se tira uma perna para cantarem melhor.

– A terra é dos pobres – teima ele.

Cheira a monte e arfa no escuro uma coisa sagrada – o sonho dos pobres. As figuras da realidade desapareceram, outras figuras estão presentes como sombras

carcomidas e que chegam ao céu. Um momento a brasa ilumina as mãos da senhora Emília que parecem de morta. O casebre não existe – as paredes não têm limites, na escuridão remexem seres que esperam que se realize um sonho impossível no mundo.

O Fortunato que nunca comeu à sua vontade e que trabalha até à morte, a velha que não fala e nunca se queixou, a Rosa e o ladrão que anda a monte, o criado que os serve há tantos anos sem receber soldada, ouvem o Manco e deixam apagar o lume reduzido à ponta dum cigarro. Mas na grande mudez e no silêncio sente-se o arfar reprimido dos peitos.

– Jesus há-de voltar para nos dar a terra.

– Voltar?! Os pobres hão-de ser sempre pobres!

– Não – teima o Manco, com o cigarro ao canto da boca –, os ricos que fiquem com o dinheiro, mas a terra é dos pobres.

O lume apaga-se. Ao redor do lar, o criado, o ladrão, a figura tisonada e a mulher passiva e humilde, que mal se atreve a sentar-se à beira da pedra, com a malga nas mãos, para ocupar menos espaço na sua própria casa, confiam não sei em quem e esperam separados pelas cinzas frias...

– A terra é dos pobres.

Todos eles vêem uma sombra no pobre maravilhoso. Aparece nas eiras e olha com cólera para os homens e para os punhados de milho secos e escassos. Receiam-no e calam-se e o Pobre cala-se, também suspenso, e segue o seu caminho...

– Tu viste-o?

– Vi-o!

– Como é o pobre?

– Mete medo...

– E que te disse?

Pára o trabalho nos campos, e o homem da terra ergue-se e endireita o espinhaço.

Viu-o o jornaleiro que mora adiante das Porte-las; viu-o e não o conheceu; nem o velho que trazia uma sacola e como pobres que se encontram no caminho se pôs a olhar para ele, sem fala, num mudo espanto. Viu-o passar aquele meu vizinho que foi buscar um mendigo ao Porto para repartir com ele o caldo e o pão, e deu-lhe de comer à lareira, deixando-o ir embora com indiferença.

– É um pobre que põe medo...

Fujo do velho casarão abandonado e vou para a lareira do Fortunato. O vasto céu cobre o eirado e o casebre, mas o céu parece-me diferente, cheio de espaços vazios. Se a gente se demora a olhá-lo e se debruça um pouco mais, cai nesse buraco negro e dourado. Não é possível contemplá-lo muito tempo, porque o céu enche-nos de pensamentos confusos. Mete-se connosco, impõe-nos a sua grandeza e faz-nos sentir a nossa insignificância.

Havemos de responder um dia por isto?!... Se Jesus vier para falar a estes homens, que só sabem lavrar – a terra será outra vez lavrada.

Março, 6 a 10

Cada vez se junta mais gente à volta do Pobre de Pedir. Esperam dele uma palavra que não pronuncia. Esperam e continuam a viver. Porque teimam confiar nele estas mulheres que não podem com o carroto, e têm tanto medo à morte e tanto apego à vida?

Outro dia Ele caminhava na estrada com um bando de pobres atrás, destes

pedintes da aldeia, de pau e sacola e grandes barbas em farrapos.

– Ele e as crianças e os doentes que o seguem a falar baixo uns com os outros; Ele e aquele Ladrão só com três dedos na mão direita e aquela mulher emagrecida com um pacho num olho que encontrei numa viela! ... Juntaram-se mais e começaram a queixar-se. A velha quer por força contar-lhe a sua vida. E o pobre ouve sem responder, as coisas balbuciadas, a queixa das mulheres que andam pelos caminhos e gemem pelos caminhos – ninguém as ouve – aguentando até caírem um dia sobre as cinzas na casa de telha vá. Os jornaleiros põem-se a falar-lhe ao ouvido, e eu bem sei o que eles lhe dizem. Outro, mais outro chegam-se para Ele. É a velha que teve vinte filhos, anda à esmola e quer por força mostrar-lhe as gengivas duras como ferro onde mói as côdeas de pão. Queixava-se esta de dias de fome, num mundo que parece desabitado e onde ninguém a escuta. É a mesma mulher que topo ao anoitecer com a gabela de lenha às costas e que mora nas Portelas, encarquilhada como uma bruxa e com um frio na alma pior que o frio de Dezembro. E os filhos? Nem se lembram dela. Ao lado uma rapariguinha do tamanho duma formiga, que todos os dias leva à fábrica caldo ao pai, andando léguas com o cesto à cabeça, toca-lhe a medo na mão.

Começam a lamentar-se baixinho e depois mais alto – e a queixa brada aos céus. Ouve-se, ainda que se tapem os ouvidos. É insignificante e imensa a queixa da velha desamparada, do jornaleiro esmoncado do cavador que não tem pão, das figuras que rodeiam o Pobre. Na noite escorre aquele rio que parece sair dos vivos e dos mortos – o gemido dos que não encontram explicação para o sofrimento e que por isso mesmo é mais atroz. É como se os bichos gemessem e as árvores gemessem noutra mundo sobrenatural. No forno não há uma côdea – e a velha geme. Queixa-se do frio que cada vez parece maior e do peso da vida que não pode suportar. Pior que o peso do mundo é a indiferença do mundo. Queixa-se esta figura carcomida, da terra e do aluvião que a aleija. E só a senhora

Emília passa no mundo e nem ruído faz. Sofre e apaga-se. Todos os outros gemem. O Pobre escuta-os, mudo e concentrado: as palavras entram-lhe na alma como espinhos. Escorre sangue e não responde. Há um momento em que as cabeças se juntam esperando ouvi-lo e Ele teima em não falar. Uma estrela solitária debruça-se sobre a ramaria das árvores e fica suspensa a olhar para o grupo. Talvez espere também.

– Dá-nos a terra! A terra é que nós queremos!

O vulto não responde.

– Dá-nos a terra com que trabalhamos, para comermos o pão que criamos!

E Ele não responde. Os pobres vociferam cada vez mais alto – e Ele escorre sempre mas não diz palavra. Não lhes pode fazer nada e sua de aflição. Vêem-no fugir pela estrada com aquela gente atrás. E o caseiro que me serve há oitenta anos bate com os joelhos em terra e brada de mãos erguidas:

– Ascorda-me! ascorda-me deste sonho, que eu já não posso mais!

Quem fala é o Manco que se ri exclamando:

– A terra é dos pobres!

E então as figuras voltam-se para ele transformadas – o cego das Uveiras que estende o pescoço de velho dromedário já sem pelo, a Alcina e a fome recozida de vinte anos, o Seringa magro como um osso e os outros todos, não como figuras sem realidade, mas com força nova que nos enche de terror. Quem pode com eles? Nesse instante até a própria natureza muda de aspecto. Transformaram-se os homens e as árvores. E a voz de alguém que me quer rebaixar, não sai dos meus ouvidos: – Ó coisa, tu ouves ou não ouves? O coisa, chegou a igualdade!

Os olhos destes homens não são os mesmos – são sérios, e veio não sei donde um jacto de fogo que transformou as figuras de caricatura, de ruínas e expressão deslavada

em figuras resolutas que atravessaram esta vida e mais três vidas.

Para que tomaram conta de tudo? De rastos a velha apalpou a terra como quem apalpa o corpo dum filho tornado a encontrar e o homem lavra-a outra vez para a semear no pino do inverno. Depois encaram-se em silêncio. Olham para o céu e olham para as leiras. Levantaram o espinhaço e não podem dobrar outra vez o espinhaço. Saem dos antros aos gritos. São bestas que passam? É ele de manápuas erguidas e é ela, a companheira do homem, ambos até agora sob o peso do hábito – que cospem na terra que os criou.

Fujo na frente dos labrotes.

II

Eu e ela...

Conhece-te a ti próprio – eis o que é difícil. Ainda posso conhecer os outros, mas a mim mesmo não consigo conhecer-me. Um fio – instintos e um fantasma... Dos outros faço ideia mais ou menos aproximada, de mim mesmo não faço ideia nenhuma.

Há uma disparidade entre mim e mim. Há em mim o homem correcto, o homem igual a todos os homens – e o homem que lá dentro sonha, grita e é capaz, por insignificâncias, de imaginar um terramoto ou de desejar uma catástrofe. O que eu me tenho desfeito dos meus inimigos – o que é razoável – mas dos meus amigos que me fazem sombra!...

O meu verdadeiro ser não é aquele que compus, recalcando lá para o fundo os instintos e as paixões; o meu verdadeiro ser é uma árvore desgrenhada – é o fantasma que nos momentos de exaltação me leva a rasto para actos que reprovoo. Só a custo o contenho. Parece que está morto, e está mais vivo que o histrião que represento. Asseguro este simulacro até à cova com os hábitos de compressão que adquiri. Não sei se a maior parte dos homens é assim – eu sou assim: sou um fantasma desesperado. O meu primeiro impulso é destruir. Depois recuo. E o meu segundo impulso é talvez atraíçoar e mentir. É praticar actos horríveis de sensualidade e de instinto. E se resisto, resisto esfarrapado. Resisto com discussões interiores que nunca acabam e um esforço que me deixa inutilizado e exausto. Resisto, arrependido de não me deixar levar até ao fim – e talvez para me dar em espectáculo a outra personagem que assiste e comenta, que assiste e aplaude com escárnio. Por isso, quando me venço, não tenho mérito nenhum: é por fraqueza ou por vaidade que não pratico o mal. E com o tempo tenho ficado cada vez pior. Mais seco e pior. Desesperado e pior. A vida, em lugar de me elevar, tem-me transformado numa ruína, onde nenhuma raiz encontra suco.

Outra coisa: só extraio sensações da vida. Sou um monstro que existe para traduzir a vida em palavras e mais nada, até chegar ao automatismo de suprimir a realidade a todos os sentimentos que não impressionam a máquina em que me transformo e que bem queria agora inutilizar. É tarde. É sempre tarde para mim. Chego ao fim rinhento, comediante e rinhento, a mastigar frases e com medo à vida e à morte. Mixórdia e vácuo – e o fantasma ao lado sempre a pregar... Nesta hora suprema sou obrigado, queira ou não queira, a olhar para mim com espanto e dor. O que me sustentou de pé foi o ser artificial que criei de farrapos? Há dias em que pergunto se estou doido e se na verdade existo. Sim, as necessidades da matéria satisfaço-as como os bichos, mas o resto é desagregado, impulso para um lado, instinto para o outro. Bem queria explicar a secura e a desordem do que chamo a minha alma, encontrando as razões desta ruína aparatosa e atribuindo aos outros, como fiz sempre, a culpa da miséria a que cheguei. Mas o minuto que me resta e em que me julgo é único e tremendo e não admite subterfúgios.

Comecei por dizer a tudo que sim, como se a vida se fizesse para agradar ou desagradar aos outros. Fico depois furioso, é certo, e todos os argumentos para os fulminar correm para mim em multidão, chegando sempre tarde ao lugar do combate. Represento sempre ou quase sempre. Tenho-te visto diante de mim fingindo que detestas o que admiras e transformando até os actos mais insignificantes em dramas e tragédias. Falta-te equilíbrio. És um cenário que abana a todos os sopros de Deus ou do diabo. Arrepanhas todos os farrapos que servem à tua vaidade e num momento transformas tudo. Não te importas de ser cruel nem de ser baixo. Mentas. Não é a mentira vulgar – é pior, a mentira colorida e transposta que engrandeça no teu orgulho. És um

misto de contradições, de acasos, e de frivolidades, sustentado pelo arame das frases. Diz-me cá: falemos um momento sobre a honra e o dever, com que enches tanta vez a boca... Convenho que és um homem honrado como quase toda a gente, e até capaz de certos sacrifícios que dêem na vista dos outros – ou na tua – porque tu admiras-te e aplaudes-te como nenhuma plateia. Mas eu ponho-te essa honra em perigo dum momento para o outro, porque conheço como as minhas mãos o teu homem secreto, aquele ser tão diferente e que em dada situação, e ao primeiro impulso, não resiste – pelo menos em pensamento –, é capaz dum acto suspeito ou vergonhoso. Conheço o teu fantasma... Sim, depois, bem sei, arrependes-te e debates-te com muitas palavras e subterfúgios. Argumentos tens tu (e o medo detém-te); o pior é que a verdade fica de pé, nua e crua diante de Deus... Reconheço que há a vida e outra vida tremenda que se passa num plano indistinto – a tragédia que é o verdadeiro homem, aquele campo inexplorado de destroços e de figuras que nos reclamam e atraem, com um riso que é talvez o nosso riso, o nosso verdadeiro riso – o riso do diabo. Tu, porém, excedes-te – és um mistifório de ideias e sentimentos, não direi falsos, mas que não chegam a formular-se. Às vezes fazes-me sorrir... Estás sempre do lado dos poderosos, não para obteres uma parte do bolo, o que seria compreensível, mas por medo de te comprometeres. Raízes não tens nenhuma. Inconsistência e medo. Por cima vaidade, e um repêlo de audácia de que saís arrependido e a remoer obscuridades. O que há em ti de verdadeiro e de real é o outro. É o que remói lá dentro.

Se não me magoar,
Se não o invejar,
Se não for rico e eu pobre.

Bom. Talvez não haja ninguém bom. Inteligente e bom. Talvez só sejam bons aqueles sobre os quais pesa uma montanha de inutilidades.

Há uma constante contradição entre mim e mim. Nunca faço a minha vontade. Tenho procurado destruir e construo. Tenho feito o mal a que me atrevo e que aos outros se afigura o bem – e acabo num coro de louvor – é um anjo! é um anjo! – E eu sou monstruoso.

Este personagem tenho-o visto representar talvez a princípio com inconsciência. Com os olhos fechados, fazendo o que os outros fazem sem saber discernir a verdade da mentira. Vi-o depois analisar e comentar. Vi-o desdobrar-se num que representa e ri, noutro que escarnece. Vi-o por fim despedaçar um fantasma hoje, outro amanhã, até ficar nu.

A vida, mais que a queira engrandecer, a vida não presta para nada. O que na vida há de interessante é o outro que comenta todos os meus actos, é o debate, é a discussão de que saio irritado e engrandecido. E a vida monstruosa, é a árvore monstruosa.

A vida é uma série de acasos. Porque não morri e porque não tive a peste? Porque saí de casa meia hora mais tarde e encontrei a fortuna na rua nesse minuto – que não podia repetir-se? Tudo inútil. Só a discussão existe e nos interessa sob o céu estrelado. Só o fantasma da realidade existe.

O próprio amor em ti não passa de um simulacro e quase te arriscaste a ires para a cova sem teres amado. Quem amou não foi o fantasma. Esse não ama – odeia. Contentaste-te com aparências. Tiveste diante de ti a mescla assombrosa de luz e gritos, e recuaste desconfiado e entretido com teias de aranha. Não foste um homem porque nem sequer chegaste a criar uma alma. A dor, o sacrifício, o sonho, serviram-te para

moeres palavras e ergueres cenários. Viver reclama um esforço extraordinário – recalcar a carne, recalcar os instintos, converter em labareda tudo o que em nós é miséria, e encarar o céu até que a vida interior atinja o céu. Sempre, sempre. Desde o princípio da vida até chegar ao calvário da vida, para poder dizer: – Aqui estou. – O resto não vale nada.

Há tipos que são piores que maus, vão ao acaso. E tu não só foste ao acaso e à mercê de sensações a que não resististe, como foste incapaz dum acto de energia ou de beleza. Nunca praticaste o bem e não te atreveste a arcar com o mal. O mal não te foi acessível – a maldade talvez... Vida inútil, estúpida e inútil.

Há no fundo de ti mesmo um naufrago já sem feições, um naufrago esverdeado que voga entre duas águas... E o que em ti há de pior, não é ainda esse fundo de tragédia – é a obscenidade. É o desacordo, a parte fruste que mal consegues abranger, a vasa indecisa e a exaltação; é o sonho a que se mistura interesse e medo. Há em mim e nos meus um veio que de quando em quando vem à superfície com gestos e sentimentos esboçados e terríveis. Meu irmão teve um filho, que é um criminoso e que tenho sempre repellido. Esse passado temo-o. Há nele fantasmas, para além da vida, que se exasperam para se fazerem ouvir... Aparecem-me quando menos o espero. Estancam-me o riso de repente na boca – e quando falo é aquela mão pesada e desconhecida que me estrangula – e fico absorto – fico preso a esse drama, a que procuro fugir, o que raras vezes atinjo. Mas o problema debate-se no fundo de mim mesmo. Pergunto-me se minha filha, cuja sensibilidade se exalta de dia para dia, for desgraçada, serei eu o culpado da sua desgraça? Olho para ela, olho para mim: vejo repetida a mesma excitação anormal.

III

Seis anos depois de casado, a vida em comum pesa-te, confessa. O que tu te queres é só e livre. E uma pergunta tens que fazer a ti próprio:

– Amaste-a? – Não; só na desgraça comecei a amar. Só quando me despedacei e a despedacei é que entrevi o que era amor e o que era a graça. Tudo em mim foi fictício e hoje é que sei o que havia na sua alma de pureza que calquei aos pés. Esse fio do outro mundo, nem dei por ele. Só agora começo a ver o que perdi – o que aumenta a minha amargura e o meu desespero.

Eu não estava preparado para o casamento – e quem há aí que esteja preparado para o casamento?... Confiar uma rapariga casta a um rapaz que do amor só conhece o lado sensual e grosseiro, é pior que um crime. É pior que a sífilis. Aquela nódoa entranhada nunca mais se lava. Nunca mais concebemos a mulher senão como instrumento de prazer. Sacrificamo-la e contaminamo-la. Há-os, é certo, que o casamento modifica – mas há-os também que continuam a frequentar os mesmos bordéis. Eu, que um mês antes dormia com uma mulher ordinária, um mês depois, e com a mesma inconsciência, passei a dormir com minha mulher. Mas é só isto? Todas as suas ideias me irritam, todos os seus sentimentos me irritam. Destruí-los seria a minha vontade. Por cobardia ou fraqueza não chego a pronunciar as palavras decisivas e recalco o fantasma que se debate e espera... Eu quero um mundo quanto mais vivo melhor, ela quer um mundo morto. Enche a vida com o Crucificado, e eu reclamo a vida sem dor e amo-a extraordinariamente. Ela constrói o seu sonho sobre cadáveres, que enchem a terra e chegam ao céu. Somos dois seres, um vindo do alto e o outro sabe Deus de que ânsias e de que conflitos, dois seres desconhecidos, que se encontram por acaso e que são anjos ou demónios. Ela quer agradar-me e ao mesmo tempo impor-me as suas ideias e eu tenho o propósito de a fazer descer do céu à terra. Discutir não é possível. Sílvia não sabe ou não quer discutir. Tem a certeza daquele absurdo.

Acresce a isto o fastio de ouvir sempre as mesmas coisas, que são farrapos dum sonho inútil. A mulher é fundamentalmente idealista, mas o seu idealismo é grosseiro, e – diga-se tudo – talvez o casamento seja o mais artificial de todos os nossos artificios. Só poderão com ele as pessoas religiosas; para as outras é um jugo de ferro. Creio que nenhum homem consegue viver dentro do casamento como Silvia o entende, ou mesmo dentro do casamento, senão falseando-o e mentindo. Até nos melhores (ainda que se não manifeste) o sentimento de prisão é intolerável. Às vezes amam-se, o que não faz ao caso. Dois seres unidos podem amar-se e detestar-se podem ter a necessidade de se juntar como os lobos com fome se associam para descer ao povoado, e odiarem-se depois de saciados. E o pior ainda... O pior são os nadas em que somos obrigados a pensar todos os dias, perdendo a vida em lutas estéreis que tornam insuportáveis as ligações para toda a vida. Há também mulheres que não discutem nem falam – são as piores. As que se calam são as piores. No casamento o debate é o mesmo. O pior é o silêncio, aquele silêncio carregado de pensamentos, de suspeitas e de dúvidas. E talvez em mim e nela exista também outro sentimento mais complexo e mais imperativo. O casamento com a sua superfície de vulgaridade pertence ao presente e ao passado, é feito de minúcias e de passos que mal se distinguem no escuro. Muitas vezes penso: – Então diz-lhe a verdade. Mas eu não posso dizer-lhe a verdade. Qual seria a verdade? Seria dizer-lhe que o casamento é uma ficção? Ou dizer-lhe: – Sim, amei-te; agora já te não amo, e não quero ficar amarrado a palavras que perderam o significado. Mas não posso. Mas recuo e minto. Minto sempre. Chego a convencer-me de que sem a mentira o casamento não existe. Não posso falar a verdade à minha mulher, nem responder com

verdade: – Para onde vais? – Minto. – Donde vens? – Nem sequer posso dizer-lhe o que penso desvendando a minha alma. Minto sempre. E suspeito que ela tem a intuição de que lhe minto... Para lhe falar a verdade era necessário que as nossas almas fossem iluminadas pela mesma luz. Assim só a mentira odiosa tem razão de ser na vida comum. (Eu digo a mim mesmo que lhe minto por piedade, mas o que é certo é que lhe minto mais para não me incomodar do que para não a incomodar a ela.) Então rompe – acabemos com isto!

– Hei-de subjugar-te porque não quero deixar subjugar-me. Tens de compreender que só podemos viver como associados, resolvendo por uma vez este problema. É irremediável. E o que se dá connosco, dá-se talvez com todos os casados: vivem num acordo tácito de mentiras ou transformam a vida num perpétuo inferno.

Este artifício que nos faz mentir, ser hipócritas, pensar na morte um do outro, viver amarrados a interesses tolerando-nos e até odiando-nos, não tem razão de existir, e é quase sempre em simulacro. Passado pouco tempo de casados, cada um segue o seu caminho interior, representando para os filhos a comédia da união. Ou ele a deprava, o que sucede a maior parte das vezes, ou ele lhe mente e ela lhe mente e acabam ambos podres de infâmia. Ouço cada vez mais alto o fantasma que teima, mesmo depois de sepultado, em ressuscitar em cada alma – e me aconselha a reduzi-la a um mero reflexo. Ver-me livre de ti, ou reduzir-te a um reflexo! Reduzir a mulher a um reflexo, suponho que é a ambição de todo o ente superior que é o homem. Passados alguns anos de casado, o que deseja ele da mulher, depois que lhe deu os filhos? Que se apague, que lhe trate da casa, que não seja um embaraço e se resigne. Mais tarde pode até achar bem que se entregue à religião e ao padre, para que o deixe mais livre e se contente com a vida inferior que lhe compete. Porque o ente superior exige, depois que está farto, que a mulher seja casta. E mesmo que a desleixe quer que lhe seja fiel. Há ainda a considerar o que por aí se chama a amizade. Morreu o amor – ficou a amizade. O que fica quase sempre é o hábito fétido de dormirmos juntos há vinte anos na mesma cama. Nela só existe uma ideia e um sentimento (antes um sentimento), o seu amor e a sua religião confundidos. O resto ninharias – os meus negócios e não lhes dá importância, os meus amigos e detesta-os. E isto pesa-me como um bloco. Não compreendi que as mulheres como ela esperam apaixonadamente do homem, não um prazer efêmero mas uma revelação que lhes desvende a alma que preferiram e a sua própria alma.

– As mulheres são estúpidas! – dizia de mim para mim.

E não são. O que pensam é duma maneira diferente, encarando a vida por outro prisma e discutindo com outra lógica. Como todas as coisas verdadeiramente belas, para as entender é preciso amá-las. E eu não estava à altura desse ser vivo e apaixonado.

Se Sílvia fosse uma mulher insignificante, tinha-se subordinado e acabava amarrotada e nula. Gastava-se pouco e pouco até perder a personalidade. É o que sucede quando o marido adquire um grande ascendente sobre a mulher: ao fim de alguns anos ela não passa de um ser sem consistência. Sim. – Sim. – Não. – Não... – Mas Sílvia tem maior individualidade, mais paixão, e mais capacidade de sonho que eu. Só me restava o hábito, que pouco e pouco deita tentáculos para me absorver. – Sujeita-te...

Cheguei a um ponto em que não posso estar a dizer banalidades. A fingir que vivo. Quero atingir o sublime, que é o fim secreto de todos os seres, e arcar com o fantasma que vai falar e logo se cala, fechando-se a sete chaves! É nesta luta que me revelo... E talvez seja também a sensualidade o que em mim há de pior e de melhor. De mais verdadeiro. Talvez os gritos, o sofrimento, as suas lágrimas, a mixórdia da nossa vida, seja o que mais me atrai. Fala para aí! ... – O casamento é monstruoso – o casamento com o que há de oculto na ligação de dois seres para toda a vida, com o que

ele contém na vasa desde o drama terrível do pensamento que nos corrói ao drama da luxúria – misturando os momentos de ternura e amor.

Será a vida monstruosa?...

Sílvia fala como quem receia e anda pela casa sem se lhe sentirem os passos. Nunca lhe ouvi palavras extraordinárias – ouvi-lhe sempre palavras que lhe vinham à boca molhadas de ternura. Às vezes surpreendia-a a cismar como se na sua existência houvesse um segredo para além do mundo, conchavado entre ela e o mundo. Muitas vezes a desejei bestialmente, para a ter dominada nos meus braços. A sua alma? Bem me importava a sua alma! O que eu queria num frenesi (e nem a mim mesmo chego a confessá-lo) era rebaixá-la. Era talvez degradá-la. Na mulher só a sensualidade me interessa. Procurei nela o acto bestial. O que há de belo num ser ignorei-o ou desprezei-o. Vamos mais fundo. Talvez fosse o que há de mais belo num ser que eu queria corromper e aniquilar. E nesses momentos é que me sentia viver. Com cólera por não a ter a meu par, mergulhada na mesma bestialidade, naquele instinto inferior de que desvio o olhar depois de farto, mas que me prende e fascina quando a besta toma posse de mim até à medula, levando-me para um mundo onde me dissolvo, mas onde toco as raízes da força, cegas que comandam, extravasam pela vida e são a própria vida! Um jacto de lama ascende de mim mesmo, que me faz feliz, cego e feliz, animal e feliz...

O fundo do copo é amargo, mas eu encontro-lhe sabor. Deixa-me vácuo e outra coisa que só a sensualidade possui – uma coisa onde a morte anda ao par da vida...

Dias sucederam-se a dias de amargura e de desejos, de incoerência e de dor desordenada e estéril. Na minha miséria não chegava a compreender que, sendo assim, o casamento é objecto, é o hálito da prostituição – com actos ignóbeis e previstos. Impossível que ela saísse pura de semelhantes práticas (e talvez eu desejasse que saísse impura); impossível que a sua alma extraordinária resistisse a esta coabitação com um ser com mais chagas do que Lázaro... E no entanto parece alheada. A seu lado não sei que figura maravilhosa a defende e protege... Cala-se. E o seu silêncio é pior – o silêncio é sempre pior. Toma atitudes de mártir e fica diante de mim calada e triste. Enfurecem-me estes seres calados e passivos, estas criaturas que se obstinam em não se queixar – como se ocultassem coisas extraordinárias... E isto chega a obsessão. É no silêncio que se criam os nossos melhores e piores pensamentos. Queira ou não queira tenho de pensar no que ela deseja – de viver, tendo ao meu lado esta mulher que se finge mártir, que parece isolada e sem defesa e que está defendida por uma muralha maior do que a da China, que não consigo transpor. Quais são os seus pensamentos? Contra mim? Se ao menos fossem contra mim!... Não, o que ela quer é salvar-me a todo o custo! É só a minha alma que me pede, só! – e o que lhe leio no olhar que me irrita e faz gritar de desespero, é piedade e amor...

Outros sentimentos se revolvem no fundo do meu ser. Quando me diz: – Tens uma amante sinto o golpe directo. Debato-me. O que eu não quero é confessar-lhe que há homens que só podem viver com mulheres ordinárias, e que, se se casam, transformam as suas mulheres em mulheres ordinárias. Para eles só a matéria existe e fazem todo o possível para transformar a mulher em animal de presa e instrumento de prazer. Descem com elas e, consciente ou inconscientemente, transformam a vida numa coisa atroz e esplêndida.

Desde o dia em que me acusou de ter uma amante a nossa vida passou a ser uma mixórdia de cenas vergonhosas. Ciúme do presente e do passado. Rebaixei-me e

rebaixei-a. Degradámos o amor, e, desesperados, dissemo-nos palavras que não se esquecem. Era talvez o verdadeiro homem e a verdadeira mulher um em frente do outro, irreconciliáveis e reconhecendo que entre as suas almas se interpõe um muro impossível de transpor.

Porque nenhum de nós conhece o mistério da sua alma. Nesta luta cega há ainda outra coisa que se estorce e que procura agarrar e compreender... A gente desce, desce até com a maior facilidade. Subir é que custa... E é exactamente quando descemos, quando seguimos os nossos instintos de sensualidade e de infâmia, que tudo nos sorri. Sorriem os nossos amigos, sorriem as mulheres que nos procuram prender no seu carro de guerra para nos devorar – e adere-nos esse fundo tremendo que liga cada ser a outro mundo incógnito onde a vida superior ou inferior se gera... Há um certo prazer em destruir todo o sonho que não concebemos – a arquitectura delicada como a das árvores que dão pela primeira vez flor...

Intimamente sinto – sem querer alterar-me nem explicar este impulso, a necessidade de a ver sofrer:

Há uma parte do meu ser que goza em a dominar, enquanto eu digo frases e hesito... Passo e calco tudo. Calco tudo e respiro mais amplo e mais fundo.

Um muro nos separa. Ela pode ser um anjo. Será. E podia também ser melhor do que é e eu muito melhor do que sou, que o mesmo muro continuaria a separar-nos.

Surpreendo-me a suspeitá-la – porque o coração humano é capaz de tudo, e surpreendo-me também a odiá-la. Está ali diante de mim sempre à espera. À espera de quê? Duma catástrofe ou duma ninharia. Vive à espera de qualquer coisa que há-de suceder e modificar a nossa existência?

O homem que não é cristão fez-se para viver como um macho solitário. Se casa quer, e ao mesmo tempo e na mesma pessoa, uma mulher sensual e uma esposa casta. – Eu não procurei comunicar com Sílvia doutra maneira superior: a sua alma desdenhei-a. E só agora compreendo que me degradei e a degradei.

Há um momento atroz entre nós dois em que ambos rangemos de dor: é quando eu suspeito e ela suspeita que o nosso casamento foi uma mentira. É quando no silêncio que me impus, de propósito para a fazer sofrer, ela desconfia que nunca a amei – e esse pensamento dói-lhe a ponto de gritar de dor – é quando eu desconfio que tudo em mim foi cenário e que até o amor está fora do meu alcance.

E ambos nós, em lugar de nos recriminarmos, remoemos em silêncio, eu os meus pensamentos hostis, ela os seus pensamentos dolorosos. Tenho a impressão que chega a ser cruel. Porque eu despedaço-me e grito. Chego a gritar de dor – e ela cala-se.

E o que nós dizemos é o menos – essa luta entre fantasmas, que procuram debalde entender-se, é que é pior. Há um tactear e passos dados não sei para onde, fora da regra, para a destruição e para a dor. Talvez seja o instinto entre a arquitectura artificial, talvez seja o sentimento, em mim tão verdadeiro, da destruição, talvez sejam os nossos fantasmas – a personagem que toda a vida caminha ao nosso lado e nos impele para o mal – que se combatem e desesperam.

IV

Stela

Stela adivinha? percebe que entre mim e a mãe se passa alguma coisa que a magoa? Fita-me numa interrogação dolorosa, faz um esforço para entender o que nos separa. Sinto, quando menos o espero, o contacto frio da sua mãozinha como uma súplica. Temos ligações misteriosas com os nossos filhos, muito para além da carne: formamos todos três um ser espiritual e o que eu cismo e o que Sílvia sofre, repercute-se naquela alma que se turva e não pode com o peso. Não compreende e sofre. Procura sorrir-nos, e no olhar leio-lhe ânsia e espanto. Destruímos-lhe talvez a harmonia, despedaçamos-lhe os fios delicados de sonho e desata a chorar baixinho. Duma sensibilidade que me assusta, Stela é uma flor dorida que estremece diante do mundo, com grandes olhos abertos para o mundo. Desde pequenina que tem a inquietação de saber porque se sofre. Numa ânsia deseja conhecer a causa da dor. Fica horas calada pelos cantos, e quando pergunto por ela e a procuro, vou encontrá-la a cismar. Seus olhos bebem o que digo e o que a mãe diz, numa sofreguidão. Segue tudo. Ouve tudo. Não discutimos diante dela, mas pelas atitudes ou por uma palavra que nos escapa, Stela pressente que se passa em casa alguma coisa de extraordinário. Procura e só encontra explicações pueris. Outras vezes mete-me medo. Que sei eu do coração e da alma profunda desde ser inquieto? Quando a interrogo sorri – e de repente o seu sorriso deixa de ser duma criança, para ser duma mulher que esconde o que pensa e o que sofre. Revela às vezes por acaso, numa palavra, um sentimento que me faz calafrios. Tudo o que sabe uma mulher feita, sabe-o ela – mas sabe-o com dor. É um vaso delicado que um som discordante pode partir.

Esta dor que a sua idade não comporta transformou Stela numa figura que não é da terra. Às vezes chamo-a e não responde. Olha e não me vê. O mundo do alto floriu num instante naquele ser e devorou-o. Sonha o mesmo sonho que eu sonhei, quase com os mesmos personagens, e há momentos em que não sabe distinguir – como eu! – o sonho da realidade. Notem que esta criatura frágil e nervosa é uma criança e uma mulher, e mete-me mais medo quando é criança do que quando é mulher. Isto aconteceu?... Eu não sei o que aconteceu.

– Vi tudo isto! Eu vi.

– Mas esse mundo não existe.

– Existe. Eu vi-os a todos. Ouvi-os a todos.

E continua os sonhos que eu sonhei de olhos abertos. O sonho que acompanhou a minha vida, sempre a meu lado, que às vezes me deixava exausto e me fazia responder à pressa – Sim, sim – só para me livrar dos outros – está vivo a seu lado. Os meus semelhantes não os podia aturar, fugia-lhes, pareciam-me seres diferentes – também ela foge para estar sozinha – ou comigo e com eles... E exactamente o mesmo sonho que levo para a cova e nunca contei a ninguém – porque seria ridículo – segue-o ela com os mesmos pormenores e as mesmas figuras. Diante de mim os seus olhos febris interrogam-me quase com desespero. Os rapazes nascem bichos, as meninas não, as meninas nascem mulheres. Ela não sabe o que se passa, mas sente outra vida presente como nós a sentimos, e seu pensamento obstinado, nesta última hora, é talvez unir-nos.

Ontem abraçou-se a mim tremendo:

– Tu que tens?

Não respondeu, mas depois disse-me baixinho:

– Olha que ela está sempre a chorar.

E ficou à espera toda atenta, os olhos incendiados de vida. Toda a sua alma interroga, toda a sua alma se estorce com uma tendência para sofrer, apaixonada até nas mais pequenas coisas. Parece uma heroína dum conto de Andersen caída do espaço constelado num mundo que não foi feito para ela viver.

Fui eu que lhe peguei sonho – ou ela julgar-nos-á?

Minha filha pertence à mãe e ao sonho que detesto. Minha filha renuncia à vida por outra vida que não existe. Caminha para a dor e aceita a dor e aos treze anos estremece e arfa com aquele sonho que lhe transmitimos com a vida. Transmitimos-lhe a vibração e a dor e os olhos húmidos de lágrimas – e as coisas passadas de alma para alma têm uma força indestrutível. Põe-se a olhar para mim – põe-se a olhar para a mãe e parece querer extrair dos nossos olhos outra vida que adivinha à sua volta.

O que dela extravasa é paixão em tudo. A contemplar o céu ou a beijar-nos. Sua ânsia traduz-se às vezes por palavras extraordinárias:

– Antes queria que me fizesses chorar como a ela...

– Filha!

– Mas não é isso! não é nada disso que supões. É o que sinto a meu lado e a teu lado...

E sorria.

Nos seus olhos vivia uma estranha maravilha. Hoje com lágrimas, perguntou-me naturalmente:

– E isto continua nas estrelas?

– Nas estrelas!? Acorda, filha!

Mas ela parecia sonâmbula e vergando-se ao peso do choro que a cobria:

– Continua a sofrer-se no mundo das estrelas?

A sua vida é toda de sonho e no fundo da alma inocente pressinto outra coisa dolorosa – outra coisa monstruosa que não cabe no mundo...

Eu sei donde isto vem. A sua exaltação aumentou no dia em que meteram em casa, para tratar da roupa, aquela rapariga magra e só boca que lhe contou histórias de desgraça. Mau é a gente introduzir um pobre na sua vida. A pobreza é corrosiva; um pobre é ao mesmo tempo um ser tão extraordinário que estraga tudo no mundo e tem um atractivo maior que a beleza. E não se pode explicar a uma criança porque um pobre sofre. Como é que não previ o efeito que essa figura ia produzir na minha filha? Ficavam ambas pelos cantos, uma com os olhos de cão e outra com olhos de sonho. Quando pus a Asilada na rua, o mal estava feito. À medida que descobrira a desgraça, minha filha transira e ficara aérea...

– Porque a puseste fora?

– Porque é que ela é pobre?...

– O pobre tem de ser sempre pobre. Tudo isso é sonho.

– Então deixa-me sonhar...

– A gente habitua-se...

– Como se pode a gente habituar a isto? Viver ao lado disto e habituar-se?... Quero sonhar. Quero sonhar o mesmo sonho que os desgraçados...

– Há-de haver sempre pobres...

– Tu já mo disseste. Mas um dia ao meu lado, de noite (lá em cima uma brancura corria como no rio sobre os seixos dourados da Via Láctea) tu mesmo me disseste que sentias o coração estalar-te. Também eu sinto. E não é só dor – é fascinação. Porque o

que eu tenho desde que descobri esse mundo, não é só dor – o que tenho é vergonha dos pobres. E fico outra... Não posso suportar que tivesses sido duro... Desde que a puseste fora nunca mais dormi e olho para ti com medo.

Alguns dias antes vieram dizer-me: – Está aí um soldado que lhe quer falar.

Era um dia como todos os dias. As vezes basta uma personagem inesperada para transtornar a nossa vida. Uma palavra, uma sombra, uma insignificância. De repente tudo que eu tinha laboriosamente arquitectado – os papéis, as quatro paredes estúpidas, a família, as convenções, tudo nesse momento vi derruído – ao olhar para aquele homem fardado de caqui cinzento, que vinha do outro mundo e que me disse sorrindo:

– Bons dias, tio!

Olhei-o sem saber o que havia de dizer. Era ele. Era ele efectivamente que há muito me preocupava, um filho qualquer de meu irmão que saía da casa correcional e que seria mais tarde ladrão. Às vezes lá conseguia esquecê-lo. Mas de repente, no silêncio da noite, perguntava a mim mesmo: – Onde estará? A gente habitua-se a tratar a vida como uma vulgaridade e já não espera outra coisa da vida. E de repente vens tu e dizes-me: – Bons dias, tio.

– E tu não tens mais ninguém?

– Acabei o serviço na tropa e agora venho ter com o tio.

E eu à pressa, frase atrás de frase, para que ninguém escutasse, sacudi-o, empurrei-o com dureza e vergonha de mim mesmo:

– Eu não te posso recolher. Trabalha. Vai trabalhar. Como vieste? Que vens tu aqui fazer? Que queres tu que te faça?

– Não tenho mais ninguém.

E que tenho com isso? – perguntei a mim mesmo. Então eu construí tudo isto – uma casa, uns papéis, livros, família, móveis, farrapos – e hei-de ver tudo o que criei arruinado por um homem que se introduz na minha vida? E a mim mesmo disse, para poder ser brutal: – Lembra-te que o pai nos últimos anos tinha medo que o filho o matasse e não queria ficar com ele no mesmo quarto. Lembra-te que é um ladrão. – Mas encarei-o. – «Oh meu Deus! como se parece com a imagem de minha mãe quando era nova! » – Nem ele será filho de meu irmão, acudi, defendendo-me. – E o sorrir triste de minha mãe teimou, depois de tantos anos de morta, em florir na sua boca. – Mas debatia-me: – Tu não tens obrigação de o acolher dando cabo da tua vida. Ele roubou..., por duas vezes roubou... – E logo secamente, apressadamente lhe disse, metendo-lhe algumas moedas na mão: – Pega lá e não me apareças mais. Eu conheço-te e sei o que tens feito! Tu és um desgraçado.

E ele curvou a cabeça e respondeu:

– Bem sei o que hei-de fazer...

E eu quase gritei. O que devia fazer de humano, de verdadeiro e de humano, era talvez matá-lo. Repeli-lo não! Embora todo o meu mundo falso, todo o meu mundo estúpido e inútil, todo o meu mundo mortal caísse de repente por terra! «Nesse momento jogaste talvez a tua alma. Quando o repeli foi a mim próprio que me repeli»...

E voltando-me, depois de fechar a porta, quase gritei de dor e de espanto, ao ver o mesmo sorriso do ladrão com lágrimas de dor na boca de minha filha, que só me disse, pálida como uma morta:

– E tu fizeste isto?! Pudeste fazer isto?!

Alguém bate com estrondo à minha porta.

OS OUTROS – SOMBRAS

A minha vida tem raízes tão profundas na infância, que delas me alimento ainda. É com a infância que eu sonho, e é do sonho da minha mãe que eu vivo. Duas figuras, ela e meu pai, aparecem-me a todos os momentos... Mas só agora é que o vejo na sua verdadeira expressão e nudez – pobre e exausto, pobre e comovido. Ele por acanhamento, eu por orgulho, nunca confessámos um ao outro a ternura que sentíamos. Isolava-nos um muro de indiferença. Também nunca dei pela admiração dos seus olhos quando estávamos juntos; só um dia, alguns meses antes da sua última doença, lhe beijei num impulso a mão encarquilhada, e só muito tempo depois de morrer é que comecei a amá-lo cada vez mais e a sentir o desejo de ir de rasto até aos seus pés para lho beijar. – Perdão! perdão por te ter visto morrer com secura e, nas últimas horas em que sofrias, desejado a tua morte para não sofreres. (Para não sofreres ou para eu não sofrer?) Por não ter sofrido contigo, apertando-te nos braços até ao último alento! Fui-me deitar. Fui-me deitar e pude dormir, enquanto agonizavas nos braços duma criada. Esta aridez de coração tenho-a aqui materializada, como um fantasma cada vez maior e mais espesso, e que me não larga.– Fugi ao espectáculo da dor e ninguém deve fugir ao espectáculo que o espera. De que me servem agora o arrependimento e as lágrimas? Não há oceano de lágrimas que lave a menor falta de amor. Sou capaz de gritar por pequenas coisas, mas a minha sensibilidade que se exaspera por futilidades não vibra diante de dramas autênticos e próximos. Sempre a análise se interpõe entre mim e a dor, e fico seco como as pêras secas. Fico seco com desespero.

Era uma figura extraordinária de bondade. Dava tudo o que tinha. E nos últimos anos talvez só por tolerância o aguentassem na companhia de seguros de que era empregado... Todas as tardes trazia para casa o pouco dinheiro preciso para o dia imediato, mas se acontecia – e acontecia muitas vezes – sair-lhe ao caminho um desgraçado pedindo-lhe esmola para matar a fome, dava-lhe tudo o que trazia nos bolsos.

Sinto dele tudo. Sinto o calor das suas mãos e o cheiro dos cigarros que fumava – e só agora dou pela grandeza dessa vida amarfanhada, aceitando a desgraça, a frialdade e a pobreza, contando que pudesse amar e ter-nos ao pé de si. E por maiores que fossem as suas aflições, dormia dum sono de justo (o que exasperava minha mãe), dormia profundamente. Dormia até melhor.

Minha mãe não. Minha mãe, essa, não dormia nem aceitava a desgraça, e lutou até ao fim com desespero. Lutou quase sozinha com a desgraça.

Não era só o dinheiro por que ela todos os dias esperava – era o sonho. Ele mentia-lhe, mentia-lhe todos os dias para ela poder viver, ocultando-lhe a pobreza e a ruína.

Creio que esse ser frenético só se alimentou de sonho. Quanto maior a nudez e a desgraça, mais ela se agarrava com sofreguidão aos trapos quiméricos que meu pai arrepanhava à imaginação, sabe Deus à custa de que esforços e de que tentativas frustradas. Suponho que para o fim da existência tudo lhes chegaria aos dois para a vida medíocre que levaram – tudo menos a falta de sonho para minha mãe. Habituada àquela mentira quotidiana, falava cada vez mais alto, exigia cada vez mais sonho, enquanto ele, esgotado, falava cada vez mais baixo, no quarto escuro onde se agitavam os fantasmas, que são as verdadeiras criações do nosso espírito, e onde eu ouvia os passos dela trilhando sempre o mesmo espaço dum lado para o outro. – Pois sim... – dizia ele – pois sim...

Nestes últimos dias de vida a minha vontade seria dar-lhes tudo que não lhes soube dar. Agora que é inútil é que me queria sacrificar por eles!

– Agora que o amor é inútil é que tu querias ama-los! – e um vasto areal seco e

pedregoso, capaz de beber toda a água do mundo sem deixar vestígios, surge diante de meus olhos atônitos. É talvez a minha alma... E só tenho alguns minutos para o lavar de lágrimas, só me restam alguns minutos para o inundar de lágrimas estéreis! ... Por mais que chore não apago certos traços indelévels. Sinto que estamos, eu dum lado, eles do outro, dum muro que tem léguas de espessura e de desespero. Um século de dor e não gasto uma polegada – outro século de arrependimento e não desgasto outra polegada ao muro de granito. O que fizeste, fizeste-lo por toda a eternidade. Não sei se eles me ouvem, não sei se eles me vêem – mas reconheço a inutilidade desta dor que não me lava do egoísmo. Era preciso vivermos outra vez... Agora que queria amá-los, não os posso amar! A vida é feita de momentos que se não repetem.

Tudo o que os dois fizeram por mim tenho-o presente e vivo, mas há um caso de que me recordo e aperta-se-me logo o coração entre dedos de ferro. Era para o fim, quando meu pai já arrastava os passos e mais profundamente adormecia – e minha mãe prevendo talvez o que ia acontecer, o seu desaparecimento, e com ele todo o sonho destruído – mais alto o chamou insistindo em arrancá-lo a um sono que se parecia com o da morte. Foi então seis meses antes de adoecer que lhe pedi com inconsciência dinheiro não sei para que matrícula, para uma dessas banalidades oficiais da existência prática que detesto. Estou a vê-los diante de mim, ele como um farrapo, e ela cada vez mais agitada exigindo logo: – Dinheiro... – Dinheiro?!...

Toda a noite minha mãe pregou. O desgraçado queria dormir – e ela não o deixava dormir, cada vez mais ansiosa (tudo se lhe afundara na vida, tudo esperava reconstruir na vida). Ambos se consumiram naquele subterrâneo, um em frente do outro, ele – atormentado e gasto – ela a teimar até à morte, alimentado-se de mentira para poder viver. Amava-o – mas instigava-o para que não amolecasse e lhe desse o pão e o sonho. Onde foi ele buscar forças para arranjar dinheiro para o meu acto e para forjar outra mentira?... Apareceu no dia seguinte com moedas de cobre, trocos e alguns selos que perfaziam a quantia exacta. E essas estampilhas amarrotadas ficaram-me impressas na memória para esta vida e para a outra vida. Nunca mais deixei de ver a figura dolorida que sorria, tirando aos poucos dos bolsos o punhado de moedas e de selos.

O passado tinha esquecido, sepultado num recanto da memória e abafado por figuras inúteis da vida, por actos inúteis da existência frívola, e quando acordava de noite e dois espectros estendiam os braços para mim, logo os arredava para não sofrer. Mas noutro dia minha irmã, depois de muitos anos de separação, entrou-me pela porta dentro como um fantasma acusador. Fora sem mais nem menos para a Serra com uma criada que a defendia como um cão de fila. E durante esse largo período, só duas ou três vezes me escrevera. Não me podia ver por eu ter esquecido e arredado o sonho da nossa casa, o ambiente que cada família possui e defende. Dizia mal de mim e de toda a gente e talvez tivesse razão de dizer mal de mim e do mundo. Ora quando essa figura me apareceu, com uma mala e duas cadeiras da nossa antiga sala de visitas, com a crina de fora e as molas desenroscadas a sair pelo estofado, magra, alta, vestida de luto, todo o passado se instalou na minha casa para nunca mais a deixar. E, para meu castigo, todo o passado ressurgiu, não como eu com saudade o poetizara, – mas doloroso e grotesco. Mal a entendia, entaramelava-se-lhe a língua com um insulto apoplético, e falava sem descanso nem nexos dos vivos e dos mortos como se estivessem vivos. Já não distinguia os que passeiam sobre a terra dos que estão debaixo do chão. Nem o presente nem o futuro existiam para ela – para quem só o passado vivia. Debalde tentei fugir-lhe – nunca mais me largou. – Mas essa gente já morreu toda! – observava-lhe. Debalde. Olhava de alto para mim e continuava a desenrolar pormenores sobre pormenores, como se viesse directamente da companhia dos mortos e vivesse sempre com sombras. Todas

as palavras esquecidas, todas as frases banais (há em cada família frases e modos que só ela usa e emprega) todos os casos vulgares do passado, tudo ela removeu diante de mim. Outra vez e vi a caterva de velhas, que se sentavam à roda da nossa sala de visitas – e com elas o cheiro especial a armário onde se guardam recordações e os unguentos e que só se abre em ocasiões solenes. Foi como se tudo se tivesse passado ontem. E o pior é que me matou para sempre o passado poético que tinha forjado! Reduziu a saudade a uma insignificância – a um vasto campo de destroços onde só ela campeava de pé e de luto, sempre a falar. Terá passado fome?...

Bem tentei amá-la e achar nela uma palavra de ternura, um gesto de amizade. Impossível. Estava diante de mim, magra e de luto, para me acusar e julgar – e sempre a falar, como um moinho de palavras vazias e inúteis. Depois de tantos anos de separação, por mais que procurasse, não encontrei um ponto de contacto com ela. Uma mulher, que me é indiferente, entrou no meu lar para me lançar à cara o desprendimento de que fui culpado. Dormia como meu pai – toda a noite dum sono – e só por isso a reconheci. Tenho-a a meu lado a falar, sempre a falar! – com as duas cadeiras de estofado onde irrompem as molas agressivas, e bem tento recalcar tudo o que dela me separa. Bem prego infatigavelmente a mim mesmo: – Tanto hei-de fazer que hei-de chegar a amá-la. – Nunca a pude amar.

Um orgulho formidável que a levou a passar fome sem se queixar – que a levou a sair da minha casa, apegada às muletas, para se meter num asilo. Um azedume formidável, detestava tudo e todos, menos um sobrinho que criara e que vivia em África. Engrandecera, enegreceu – parecia uma figura de tragédia. Foi talvez a vida e a desgraça. O marido abandonara-a e depois de 17 anos de África e de mudez, só voltara para lhe morrer nos braços. A criada com que se meteu na Serra, acabara por a espoliar. E na Serra se deixou ficar sozinha, não querendo pedir, nem viver à custa de ninguém. Só e o seu orgulho intacto. Dizia sempre mal de toda a gente que lhe fazia bem. Não era agradecida, nem importa. Era uma pessoa que via todos felizes e ela sempre desgraçada. Do marido dizia ultimamente: – A sua alma está no inferno a ser devorada por leões. De mim e de minha mulher que a recebemos como irmãos – e que a tratámos nas suas doenças, dizia, quando saiu de casa onde nunca mais voltou apesar das minhas instâncias (cheguei a mandá-la buscar), teimava: – Puseram-me na rua como um cão!

Amargou até ao fel – detesta minha mulher, até nos desejou na nossa própria casa a ruína e a catástrofe. – Por último passava dias em que não nos dizia palavra, encafuada no quarto, onde só sabia as horas da comida, e para me aparecer como uma permanente acusação.

Isto não tem importância. O que tem importância é que nunca a pude amar. – Nunca pude ver esta figura de fel, sem um sentimento de frio e talvez de medo – e sem me perguntar a mim próprio a razão do rancor que o tempo sublimara em lugar de extinguir. Seria eu que, apesar de tudo, procedi mal? Será ela que calçou tudo, que desprezou tudo, que procedeu bem? Podíamos tratá-la, lavá-la. Era inútil. Era talvez pior. Houve contra nós qualquer coisa de monstruoso que eu tento explicar. – Em primeiro lugar o sabor de pão alheio que ela nunca pode tragar. Também ter sido infeliz – e também, e principalmente, desde o princípio, eu ter amado minha mulher. Uma pessoa de minha família chegou a dizer-me: – Mas que terá essa mulher que é a única pessoa que o senhor ama no mundo? – O que elas não tinham.

Agora o principal... Eu nunca a pus na rua – pelo contrário – mas separava-nos uma frieza que ela não soubera nem eu podia ocultar. Quando fugiu – mandei-a buscar, mas intimamente gostei que não viesse. Feriu-me no fundo – mas talvez adivinhasse os meus pensamentos mais íntimos. Feriu-me com rancor até ao sangue, mas diante de

Deus eu talvez merecesse essa ferida. O dever, que cumpri e que cumprirei até final, não tem importância nenhuma. O bocado de pão que ela precisava também o comia no asilo – sem suportar a nossa felicidade, a nossa casa e a nossa união. Comia só, com orgulho e com fel, tendo-me calcado até ao sangue. Ela não nos podia ver – o que era justo. Porque o que eu desejava era que fosse agradecida – era que fosse hipócrita. Era que nos amasse não nos podendo ela amar – como eu não amaria os outros se fosse desgraçado como ela. Como eu detesto os outros que me afrontam com o seu dinheiro ou a sua situação. Ela teve a coragem de detestar e de não fingir. Teve a coragem de, agarrada às muletas, procurar um isolamento maior onde não precisasse de ser agradecida a ninguém e onde pudesse remoer o seu ódio da vida até à morte calada, muda, impenetrável – duma vida onde passou sem alegria, sempre na dependência dos outros. E não foi só a mim que detestou – detestou-os todos. Talvez eu nas suas condições fizesse o mesmo.

Há ainda outras sombras. – Mas são sombras. Não me interessam – ouço-as falar, como num compartimento ao lado.

O medo e a morte

Fugi. E pela primeira vez reparei nesses tipos com caras abertas à mó... Eu estava habituado a sonhar ao canto do fogão – eles estavam habituados a cavar ao sol e à chuva. Agora todo o encanto do mundo desapareceu e a terra descarnada é só terra e pedras. Compreendo que para ser jornalista é preciso ser bicho e que a piedade é inútil – e, pior que inútil, criminosa...

Puseram-se em marcha ao mesmo tempo, e largaram em grupos cada vez mais compactos sobre a capital, desatando aos urros quando vão ao seu encontro os homens da planície. Avançam e destroem. Por onde passam, passa o inferno, e deixam tudo reduzido a osso e a terra tão salgada e ressalgada que nunca mais produz, como se tivesse levado veneno. Por fim põem cerco à cidade, atirando-lhe pedras e esterco, e ficam à espera que se renda.

Ontem à noite, quando o povo lia vozeando os «placards», a luz eléctrica apagou-se de repente, para sempre, a praça tomou proporções desconformes e ao povo dos vivos misturou-se o imenso povo dos mortos. Lá em cima, no alto, entre as estrelas, brilhou uma constelação com novo fulgor em que nunca tinha reparado, porque as estrelas estiveram sempre para lá dos telhados. Eu olhei-te – tu olhaste-me, e cada um de nós se escoou para o seu lado, rente às paredes, como se fôssemos meras sombras e não nos pudéssemos suportar. Os nossos sentidos convergiram ao mesmo tempo para outro ponto. Tudo o que me dizias, me pareceu inútil – farrapos – e inútil o que eu dizia: Tenho a confessar-te, minha querida, que acima do amor ponho a vida, e que todo o fardo que neste momento me pese, o atiro para o lado com alívio, O que tenho na minha frente é a Morte – e só a Morte. E não sou só eu: cada qual vê diante de si, pior que a morte, a ruína do passado, do dinheiro, dos interesses, da arquitectura que foi a razão da nossa vida, duma construção que levou séculos a erguer e que vai dissolver-se como se nunca tivesse existido. De que me serves tu agora? – (E o amor? ouves a risada escarninha?...) – se nem sequer, na atitude consagrada, podes chorar sobre o meu caixão? O que nos espera não é a morte do costume, a morte com acompanhamento e até música, a morte em que se pode deixar uma recordação, uma saudade, um testamento, ou uma alma imortal. – É a morte sem pompas funerárias – e ninguém imagina a falta que faz um enterro! ... a morte e o aniquilamento. A morte ignóbil. A morte e a destruição total. A morte e o deserto. A minha morte e a do mundo que conheci. E não sei dizer-te o que me custa mais, se morrer, se ver destruída a Companhia Geral dos Depósitos. O meu Deus, como me dói a barriga!...

Os desenlaces precipitam-se. As almas postas a nu desatam a gritar diante da morte, que avança mais um passo sobre a cidade – e outro passo, e outro passo ainda... Redemoinhos, súplicas inúteis, e largos períodos de colapso com o olho fixo na avantesma. Então é irremediável? – perguntas. É irremediável – respondes muito baixo. Ele há ainda quem espere, mas, pelo sucedido, já se sabe com o que podemos contar. É a morte infame. Bandos de esfarrapados assaltam as casas. Encolhe-te. Chegou o momento em que cada homem tem presente outro homem e encara a vida como nunca ousou encará-la. – Mas eu amo-os! – E não se lhes pode fugir? Não, não! Patente. Antente. É uma questão de horas ou de dias. Ouves, meu bruto? É a aproximação do nada. Do nada. Deixa-te de palavreado, de eternos retornos e doutras paródias filosóficas. É o nada. Convenho que tens algum talento, mas isto é inexorável e trata-te

como se não tivesses talento nenhum. É o nada, meu amigo, o nada abstruso e estúpido. O justo e o injusto. O infinito inútil com o céu estrelado em cima, e a boca tapada para sempre. E não é que a imagem da morte seja terrível para mim. Não é. É pior. É cinzenta e só a distingo através dum véu. Aproxima-se sem lhe ouvirmos os passos – e por dentro sentimos-lhe os passos. Toca-nos e até as lágrimas gelam nos olhos. Atrevo-me a olhá-la cara a cara, deito-lhe as mãos e só encontro um frio esquisito. Nada, nada, nada – este hábito gelado e aquela porta aberta para o negrume. E, apesar disso, o que me custa a morrer! custa-nos a todos. Custa à velha que já não passa dum hábito fedorento de todos os dias, e que trepa pelas paredes acima, quanto mais a mim!... Este ser não foi feito para a vida e agarra-se à vida com quantas unhas tem. – E a ti? A ti vem-te uma saudade! Nunca mais!... E só agora, com a saudade, e que encontras sabor à vida. – E sobes ofegante por umas escadas em espiral que nunca mais acabam, olhas e não podes arrancar os olhos do espectáculo que vês diante de ti. Suspiras, desces para junto do cofre, e depois de repetires dez vezes: – Já vi! já vi! já vi! – tornas, como um maníaco, a trepar as escadas imaginárias que vão até ao céu, e regressas junto ao cofre tornando a dizer: – Já vi! já vi! – para de novo subires os degraus, sentindo o coração apertado num torno.

A angústia redobra. Nas ruas desertas, quando todos se fecham por dentro, e cada um se torna mais pequeno, nem se atrevido sequer a respirar, quem é que bate à minha porta, que o coração me estala? Quem é que me obriga a pensar no que não quero pensar? E a olhar a vida no que ela tem de convencional e de profundo, de fétido? A olhar a minha vida de mentiras acumuladas, e todas as outras vidas? E só neste momento, na passagem da vida para a morte, entrevejo talvez a verdade – quando a verdade me não serve para nada. Morro com desespero, cheio de medo de morrer e com vontade de tornar a morte grotesca. Sinto-me larva entre larvas, fazendo os mesmos movimentos inúteis, no fundo dum poço de estrelas. Inúteis e grotescos. Não sei onde ponho os pés e nem sei se represento, se sou sincero. E tão cansado! tão cansado! ... Ouve-los? ouve-los que se debatem como tu?

Todos os tipos mudaram depois que estão mortos, porque todos nós nos podemos considerar mortos! Mortos e grotescos, como se a carne nos caísse aos pedaços do esqueleto – mortos e com bolor, os generais e as suas condecorações, mortos os poetas com as bocas maldizentes, tortas e espremidas – mortas as celebridades imponentes – mortas e grotescas.

– Não tenho medo – teima o banqueiro atrás da rede de arame. – Então que havia de ser da papelada... A papelada é a razão da nossa vida e uma força que não há nada que a derrube. – Mas os sinos põem-se a tocar e ele mastiga em seco com o olhar fixo numa catástrofe a que nem as inscrições resistem. – Eu bem to dizia! ou bem to dizia!... Só a Inquisição que queimasse sem dó nem piedade até ao ponto de todos crerem como se fossem cegos... Mas é tarde! Agora é tarde! – É tarde?! Como me dói a barriga...

E todos eles já estão mortos e enterrados – mortos e grotescos.

Um grito sobre todos os gritos, um grito que não acaba e a si próprio se rasga com exaspero.

Tapemos os ouvidos. Porque não aproveito eu as últimas horas para realizar o sonho encardido que ruminei toda a vida, com vergonha e desespero? De noite ouve-se as consciências latirem como cães encadeados, ou os gritos dos homens em debate com o sonho – os homens e o grotesco. Porque o pior não é morrer. O pior é a destruição do que criamos de ridículo neste mundo. O que me dói mais fundo é ver desabar a arquitectura, que tanto jeito e cuspo gastei para criar. Que mixórdia dolorosa! Sim, sim

– mas é uma parte da minha alma e como a vida é linda ainda que seja ridícula! como eu a amo e como me custa deixá-la! Há almas que valem um império e há almas que não valem um pataco – diante da morte todas as almas são iguais. Tenho-te aqui comigo cara a cara. Acompanhaste-me sempre e nunca deixei de pensar em ti e de viver para ti. Não me importo de ser ridículo. Se acordo de noite, acordo contigo e ponho o ouvido à escuta. De manhã és o meu primeiro pensamento, e ao deitar-me revolvo-me na cama só contigo, toda nua como se fosses minha amante, O resto passou para um plano afastado. Obstino-me, obstinas-te. Às vezes parece que te esqueço. Não esqueço. Estás atrás de todas as palavras que digo e de todos os meus actos. Se pudesse rir, estavas atrás do meu riso. Espero acabar por te virar do avesso, e não só perder-te o medo, mas rir-me de mim e de ti. O pior é que se chegar a escarnecer-te, o meu escárnio é medo: mal te ouço os passos, estremeço.

Morrer é não conceber mais nada. O que me custa é deixar a outra vida que só concebo nesta vida – é a discussão – é o sim e o não, oh talvez! – é a personalidade e o sonho. Enquanto vivo, eu posso crer e negar, crer ou duvidar (no fundo de mim mesmo há sempre alguma coisa que espera e duvida) – morto não há mais nada... – Morrer! Morrer era o menos, se eu pudesse morrer sem me julgar e sem me sentir amesquinhado diante da vida e da morte. O pior é morrer vazio e inútil. Morrer vergonhoso! Ter de olhar cara a cara esta hora suprema e o que ela traz consigo de tremendo. Há coisas em que não queria falar, e hei-de por força falar, actos da minha vida que não queria tornar a ver e estão aqui presentes, reclamando-me. Mais perto sinto o bafo gelado que me transe e transforma tudo. E ao meu lado os homens falam até à última hora. – Mas eu tenho uma alma! – É para o que eles apelam, depois que se convenceram de que podem escapar. (O que eu tenho é medo...) – E então os labrostes também têm uma alma? uma alma imortal? uma alma igual à minha alma? – Não há senão viver e cada um vive e morre conforme pode. O resto são frases com que disfarças o medo. Talvez – mas eu sinto agora outra coisa desmedida – outra coisa sem ser o medo, que me obriga a falar. E o que é a minha alma? É certo que alguma coisa me chama e detém quando quero praticar o mal. O medo de Deus – ou o medo dos homens. As convergências? As regras catalogadas? A mão de meu pai? – A minha alma... se rebusco mais fundo, não encontro senão o vácuo. E instinto. E dois ou três gritos – e mais fundo ainda a sensualidade que me dá a sensação de aniquilamento e me deixa um resíduo amargo, que fez de mim besta e que me enche de horror a que não posso fugir... Repugno-me – mas quero-me repugnante. Quero-me depravado e infame. É essa animalidade horrível que me faz viver... Não me sai dos olhos aquela casa de mulheres com um lampião na escada como um túnel. Então o homem é livre e mergulha até à mixórdia incógnita do passado, com uma ferocidade em que todos se comprazem. Aquelas mulheres são bestas ou fantasmas, conforme a minha ou a tua sensibilidade.

Em mim houve sempre um certo gosto pela animalidade baixa e até pela putrefacção. Nasci talvez para um convívio ordinário com mulheres ordinárias. Tudo quanto é regra e ordem, tudo quanto é compressão, me repugna. E quando ma impõem vingo-me sonhando. E é então isto que representa a minha alma ou outra coisa que não quero ver nem posso ver? É outro drama que não soube viver e que nunca me atrevi a olhar cara a cara. Ora tu e eu, todos temos a mesma alma, uma alma idêntica se soubéssemos consumir o corpo – uma alma que neste instante se atormenta – quando o grito vibra e sobe pelos ares. Tenho medo. E não é a pena do que perdi na vida ou do que não gozei na vida que me faz olhar a morte com espanto. Não é talvez cessar de existir, é começar a existir. Nem sequer pronunciei as palavras que devia pronunciar. Não atentei no mundo, senão não dizia essas palavras. E o rei que também tem uma

alma, embora mais delicada, uma alma de chupeta, rapa tanto medo como eu. O rei, a rainha e a moça da cozinha. E baixinho confessa: – Tenho medo. Eu sou talvez um rei e tenho medo. Já procurei ver donde vem isto, de que conluio ou de que honra monstruosa. Tenho medo. – Medo? Toda a gente tem medo de morrer, mas domina-o. – Os inconscientes e os bichos não têm medo. Não sabem o que é não respirar com o peso duma pedra em cima para toda a eternidade... Não é que eu não deteste esta vida estúpida – mas é a única onde se respira – e tenho medo...

Nem só os heróis e os bichos não têm medo: a D. Rosa não tem medo nenhum – nem aqueles homens que deliberam aqui ao lado e que não se calam nem diante da morte nem diante do inferno. O que a D. Rosa tem é saudade, não da vida nem dos hábitos e dos farrapos – mas da campa a que ligou toda a sua existência. Passou dias sumíticos, ligada a duas ou três concepções – e agora velha e com um cheiro que tomba a oleado – vê em perigo a única razão do seu ser: ter de assistir à destruição daquela campa de mármore, monumento erguido aos seus mortos. Viu morrer-lhe as filhas e não baqueou – metia-as logo nas gavetas da campa. Viu chegar a velhice e esperou de pé pelo seu lugar no monumento... Olho para ti e não é a tua existência que me interessa – é a vida sem significação, é o esforço vão – é o esforço grotesco, D. Rosa. É teres-te despido de tudo, como eu, para chegarmos a este resultado. Tanto faz que tu existas como não existas, D. Rosa. O pior é este sabor amargo – é o conhecimento da inutilidade – é a vida feita papéis – é o minuto em que te encontras com o monumento destruído onde não repousarás e eu com os papéis na mão diante da eternidade. – Deixemos tudo, deixemos até a vida que não tem importância. Só os meus papéis têm importância.

– Uma filha morta? – Campa com ela... E afinal tudo vão.

D. Rosa. A nossa única alegria foi encontrarmo-nos, eu com a papelada – e tu aos domingos, de vestido de seda, com o teu mausoléu. Pusete-lhe cortinas – e tinhas lá uma cadeira de braços para te assentares – e eu embandeirei em arco e olhei desvanecido os meus papéis. Nem o gozo, nem o amor, nem uma hora perdida. O universo e a campa. Eu supus-me sempre um homem superior e tu desdenhaste do alto da tua superioridade mil coisas que julgaste inferiores. D. Rosa, fomos iludidos. E agora, D. Rosa, aqui está a minha alma e a tua alma. – Mostra lá. – E não temos nada que apresentar.

Todas as coisas que me interessavam neste debate se desvaneceram como sombras. Só uma coisa me interessa (e estou a ver que vou ficar sem ela) a minha alma e a sombra eterna que antevejo. E foi ao que dei menos importância na vida. Morria, acabou-se!... Mas desde que me suspeito uma alma imortal, passei a dar-lhe uma importância extraordinária e a tratá-la como um monumento histórico...

Talvez todos façam as mesmas interrogações e sintam o mesmo medo. – Eu vivi ou não vivi? Eu vivi a verdadeira vida? Há-os que falam alto, e há-os que apertam cada vez mais a boca, e nem diante da morte deixam falar o seu fantasma. A mim, uma coisa dolorosa me obriga a ver o que não queria ver, a examinar os actos e as figuras a uma luz que não foi feita para os meus olhos. Há momentos terríveis na vida em que me encontro bicho entre os bichos – e todas as figuras me metem medo – e outros há em que, para lá dessas imagens, outras imagens ressurgem, que talvez sejam as verdadeiras.

Entre as marteladas com que alguns homens constroem uma máquina para combater, oiço vozes, gritos, o mistifório, e os golfões de dor irrompendo cada vez mais alto. Frases e grotesco. Frases e sangue. Vejo as figuras na sua verdadeira expressão de bichos deformados, de seres que o traço exagerado fixou na sua essência e revelando até ao último suspiro o que se chama o dom da palavra. Não! não me sai dos olhos o quadro de todos os bichos tomando a resolução de falar ao mesmo tempo, de votar ao mesmo

tempo, de fazer actas ao mesmo tempo, cheios de terror diante da morte: Teimam com a corda na garganta, e escorrem frases como quem escorre um suor fétido, chegando pelo dom da palavra a atingir o céu e o inferno. Frases e vácuo, e V. Ex.^{as} para baixo e V. Ex.^{as} para cima – capazes de deitar a terra, andando sempre à roda, os conhecidos muros de Jericó! – Não tenham medo! não tenham medo! prega não sei quem. E esperam vencer, confiados na força excepcional que é falar sem dizer nada. Não tenham medo!... Um palhaço monstruoso passeia de cá para lá, cada vez mais desesperado, e capaz de fazer abortar todas as mulheres grávidas do mundo. E o riso acaba-se-me em amargura, como se eu me pusesse a rir dum universo desconcertado, ou visse passar na minha frente um enterro com os gatos pingados clamando para os lados. Mas eu tenho medo porque o oiço cada vez mais perto da minha porta. – Mas então que querias tu que eu fizesse à vida? Que passasse a vida a adorar-te como se a vida não me atirasse aos encontrões para a frente? Como se a vida não fosse um acaso, com duas ou três luzinhas a alumia-la, com duas ou três luzinhas a que o instinto e as paixões sopram constantemente e constantemente ameaçam apagar!... Eu tive todos os defeitos e cometi todos os erros, mas vivi. E viver é que importa. Vivi! Vivi como me apeteceu – pobre – rico – ao acaso – como tu viveste, ou melhor, do que tu viveste com todas as tuas reflexões, as tuas regras de conduta, a tua fria razão a conduzir-te. E agora morremos da mesma maneira, tu com a tua inteligência, eu com a minha sensibilidade, ambos na mão do acaso. E o que é viver? Vejamos tudo desde o início... É o acto de nos deixarmos levar para o que os outros nos empurram – comer, dormir, gozar, algumas regras, algumas leis? Ou viver é gozar? É triunfar e morrer? É esta imundície de todos os dias, ou viver é descobrir outra coisa fora da vida e amá-la? Ou só a paixão nos cega, só a paixão nos faz felizes – porque esquecemos tudo, até à morte? E se eu também não tivesse vivido?

Ouve-se gente correr nas ruas da cidade. Passos de quem foge a toda a pressa na escuridão vazia e deserta. Só a voz continua: – Tu viveste? tu viveste ou estragaste a vida? Era isto na realidade que devia ser a tua vida, ou vais como um boneco a dizer que sim com a cabeça até à cova? Um salto para a luz – um mergulho na escuridão para todo o sempre e não viveste! e não passaste dum simulacro a dizer que sim ao mundo...

Não tenham medo! clama sem tréguas nem descanso o palhaço. Como eu, ele resolve tudo com facilidade no céu e no inferno. Abro os olhos diante da visão que vê realizada e misturo àquela aspiração grotesca o meu monólogo exasperado. A sua figura enche o horizonte. Obsidia-me e não sei resolver se o tipo é doloroso ou ridículo. É uma pergunta que faço a mim mesmo à hora da morte.

Todos à uma! todos à uma dobram os sinos, e aquele palhaço continua com esgares e gestos que me fazem chorar, como se o desgraçado quisesse exteriorizar o seu fantasma e o não pudesse fazer. Como eu! como eu! A melancolia e a sombra sobem por mim acima e embalam-me. – E o que tu na realidade ouves e vês é ali perto outro mundo...

Alguém bate com fragor à minha porta!

O MONÓLOGO INTERIOR

Debato-me como os outros, mas até neste momento a minha secura é atroz. Interrogo-me sem esperança, querendo ouvir através do espaço uma palavra que me

salve, como um homem enterrado num bloco de pedra que tende a desgastar à força de gritos, até chegar à luz, até compreender e amar. E o bloco tem léguas de espessura – e eu algumas horas para o moer... O que ouço cada vez mais alto é um grito – é o grito que nunca mais deixará de ecoar no mundo e que me enche de terror e espanto:

– Que fizeste da tua mulher e de tua filha? E da tua alma que fizeste? Só ouço estas palavras de fogo que caem sobre mim em lágrimas de fogo, ao mesmo tempo que me esmaga o sentimento atroz do irremediável. Este grito e uma risada bestial, como se eu próprio me atrevesse a rir da minha desgraça. E isto não se cala – cresce num mundo deserto onde todos os seres, até os mais banais, se transformaram em figuras dolorosas.

Toda a minha vida foi uma série de erros e de acasos. Nunca soube amar. Pior: nunca reparei no amor que os outros me tinham e passei obstinado no meu egoísmo... Eis que começo a analisar ponto por ponto a existência e rebusco, com frenesi, as sombras que se encarniçam sobre mim e se vingam de mim... A minha vida foi um simulacro? Criei um teatro, uma personagem, um histrião que declama? Pois eu terei a morte a meu lado e não teria vivido um único momento com sinceridade e ferocidade?!

Há um momento em que o homem se encontra, um momento terrível em que cada um de nós o encontra enchendo o céu e a terra e sente que é forçoso arrastá-lo até ao alto do Calvário e pregá-lo outra vez na cruz.

Porque é que a vida dele é má e impura e a tua, feita de hipocrisias, de mentira, de convenções e palavras, é verdadeira e pura?...

O que eu tenho é talvez medo. Desvio o olhar, sempre a pensar na mesma coisa. Todos os problemas se apresentam diante de mim e exigem de mim uma resposta imediata. Se a vida é uma mentira tenho de a escarnecer, mas se a vida é uma verdade, que hei-de eu responder às perguntas que ecoam na minha alma, ao mesmo tempo que o outro mundo me atira o bafo gelado à cara? Então o meu dever era sacrificar-me? é submeter-me a uma sombra? O meu dever é mentir a mim mesmo e aos outros? À força de mentir ao mundo consegui, quase sem dar por isso, ocultar a verdade à minha própria alma... Talvez eu o pudesse salvar... Sim, comprometendo os meus hábitos e introduzindo a desordem na minha vida. Deitando abaixo tudo o que engendrei e construí com tantos anos de esforço. – Mas, repara, que tudo o que construístes é efémero e grotesco. É tão inútil na vida como o farrapo que atiras com um pontapé à sarjeta. Se há uma vida espiritual, toda a fraudulagem, todos os cacos, toda a papelada de que te rodeaste e em que te absorveste para esconderes a trágica realidade, é diante da morte lixo e pior que lixo. Nesta altura tudo o que criaste de fictício se sumiu e de pé está a Vida a que te agarras e a Morte que te surpreende.

Põe a questão sem subterfúgios. Olha a viagem dolorosa cara a cara. Confessa que não é só a ele – nem mesmo é principalmente a ele – que não queres ver... Quando apressadamente o expulsaste para longe de ti – expulsaste todos os teus mortos com ele – e também os actos e os pensamentos que não te atreves a olhar cara a cara. Tentaste explicar o teu egoísmo, a tua falta de ternura – e o fantasma monstruoso que late na escuridão e te acusa e te esfacela e te impele e te escarnece. O que tu não queres ver é aquele veio que se perpetua de geração em geração, aquela voz que te acorda num sobressalto – a figura sempre com o mesmo riso – que é o riso de minha filha e o riso do ladrão...

Mas eu afinal sou ou não sou um homem honrado? Toda a gente me conhece como um homem honrado, correcto. Que é o que se pede a um homem – que seja

correcto. Nesta vida e talvez na outra vida. Se eu tiver de aparecer diante de Jesus Cristo, dir-lhe-ei: – Construí uma casa – Ah! Ah!... – Tenho um depósito no banco – Ah! Ah! – Fiz mais sacrifícios... – Mas vem-me um vômito. Tenho diante de mim duas ou três coisas essenciais a que hei-de responder. Tanto faz eu protestar que sou um homem de bem, como estar calado. As coisas agora não são com os outros – são comigo – e a minha vida tenho-a aqui estatelada diante de mim. Cisco e palavras, cisco e actos banais, cisco e medo. Em vão rebusco um acto que me salve de mim próprio. Nada. O mesmo nada que é a vida de quase toda a gente que não sofre – nem quer sofrer. Eu e todos, eu e a sombra desmedida que nos domina... Fazes todos os dias as mesmas coisas, toda a gente que conheci e que morreu, toda a gente que vai morrer, todos faziam as mesmas coisas correctas. Levanto-me e deito-me. Dizer as mesmas palavras – remoer cá dentro os mesmos pensamentos grotescos. Chego a fazer da vida uma coisa mecânica e correcta. Nada, nada, nada. Porque é que eu fiz isto e não aquilo? Por um acto espontâneo e irreflectido ou com a mira num interesse. Nem a amizade nem o amor tem para mim senão uma importância momentânea. O que tem importância é este monólogo interior diante da morte – é a voz que fazemos por abafar. Eu sou um homem de bem! Serei em certas condições. Mas noutras? Mas por dentro? Eu que sou talvez um homem de bem para o mundo – sou um homem de bem para o outro mundo? Sou um homem de bem como todos os homens de bem – porque não fiz nada. Uma ninharia, tudo pesado – absteve-me. Não menti talvez – mas não falei a verdade.

Chaguento. (Porquê esta hipocrisia para comigo mesmo – esta horrível hipocrisia que desvia o olhar e se contenta com simulacros?)... Mas essas coisas toda a gente as faz... Sim, mas no fundo da tua alma há acções que não queres olhar cara a cara – e o pior é o que eu fiz. – Do que me acuso é do que não fiz, tomando a tangente e remoendo palavras. Qual foi a tua acção? Que atenção deste à tua alma? E não percebi que estávamos todos petrificados. Só agora diante do que ai vem abrimos os olhos, e eu, ela, desatamos todos aos urros. A vida tinha outra significação – a vida esplêndida foi-nos dada para outros actos. Agora cheiramos todos mal. Nestas últimas horas não me sai dos ouvidos o grito que ecoa no mundo interior: Que fizeste da vida?...

Eu não protesto que fui um homem de bem. Sinto outro ar – outro contacto disforme que me obriga a olhar a existência como se estivesse fora da vida – e o passado tumultuário, mais nítido ainda que a realidade, tão nítido que o posso pesar na sua essência numa forma delicada, passa-me diante dos olhos atónitos. Revejo as acções que pratiquei e pormenores já afundados no esquecimento – vivo-os e julgo-os. (Porque antes de Alguém me julgar – fui eu próprio que me julguei.) Esfarrapa-te! esfarrapa-te até ao fim. Qual era o meu dever? O meu dever era tapar os olhos e os ouvidos? Era escorraçá-lo como um cão, para defender a minha papelada e a vida inútil? Ou o meu dever era sacrificar-me até ao ponto de estragar a minha vida? Em nome de que lei, de que princípio, de que deus? Da consciência? Do justo e do injusto, de coisas abstractas – quando um grito no fundo de mim mesmo me diz: Defende-te! Dou-lhe algum dinheiro – para não vir pedir mais dinheiro? Empregá-lo, para me comprometer? Meu irmão, ainda com vida, tinha medo dele. O meu dever era matá-lo. A única coisa decente que eu tinha a fazer era matá-lo. Na sua desgraça, esse rapaz imberbe, com uma mecha indócil de cabelo e um sorriso terno – o que procurava era arrastar-me para a desgraça.

Esqueci – ou fingi que o esqueci, e segui pela vida fora a falar com este e aquele, a tratar destas e daquelas futilidades que não valiam um pataco – e agora a sua figura impõe-se-me e não o posso desligar da imagem de minha filha. Sorri como ela – sorri como minha mãe... Mas eu digo-me, explico-me, grito-me! – Não podia olhar pelos filhos de meu irmão! Não me cumpriam esses deveres! – O sacrifício inútil.

Era um ladrão que metia em casa, e nunca mais teria um momento de paz. (Eu já

sei, eu posso apresentar as razões que quiser, que sou sempre vencido pelo interesse e pelos argumentos que me apresento. Nem por isso me calo.) Vinha mexer nos meus papéis e pôr a desordem nos meus cacos. Não posso com ele! Tudo o que eu arquitectei, papelada, convenções e falsidades, uma torre maior que a de Babel, vinha ele deitar-mo por terra. Argumentos, palavras, objecções tenho eu as que quiser – mas tenho também no fundo da alma outra coisa que me queima como lume e de que desvio o olhar. Se há uma vida superior – outra vida – o meu dever não era sofrer? não era deixar-me espoliar? Não era sacrificar-me e caminhar nu e esplêndido para a morte? Acabo podre de comodidade quando talvez o meu dever era ser desgraçado e aceitar a cruz!... Já mais que uma vez tenho pensado em contar a história dum homem que passou a vida a cumprir o seu dever e acabou escarnecido dos homens e das estrelas. A obsessão não me larga. Ao mesmo tempo tenho sempre diante dos olhos a figura tétrica de um ladrão a quem faltam dois dedos e a figura de Stela empoadada pelas estrelas...

A outra noite senti que se deitava devagarinho a meu lado e com as mãos procurava-me a cara no escuro, para me afagar. Tremia contra o meu peito como uma ave esvoaçada e fazia um esforço enorme não conseguindo dizer-me o que queria. Tocado até à alma supliquei-lhe:

– Filha, que me matas!

Adormeceu abraçada a mim, a chorar, tremendo de paixão e de frio. Mete-me medo pela exaltação contida.

Não sei como se forma o fiapo dorido e dourado e se atreve a adivinhar o que há de mais belo e oculto no mundo, o que toca na raiz da vida e é o segredo da vida – o amor levado ao ponto do sacrificio... Talvez o universo caótico que os gritos não detêm, se detenha diante deste ser puro e dorido – diante do mundo delicado onde receio entrar, todo feito de nadas e de extraordinárias sombras reflectidas naquela alma como as folhas na água que escorre. A sua inteligência vive de nervos, alimenta-se numa exaltação do sonho que a devora, da dor que entrevê. Creio que em todas as crianças a alma é um nublosa que toca pouco na inteligência, mas que se eleva acima do instinto até um universo que nos é vedado.

Porque eu ousou... Há nela uma grande pureza e ao mesmo tempo o quer que é de sensual e doloroso. O mesmo drama obscuro nos une a todos três. – A mim, a Stela e ao ladrão.

Caminha sem hesitação, levada por um ser invisível que ouço chorar a seu lado. Inocência, sim – mas uma inocência terrível... Fomos nós que tivemos a culpa? Agora diante de mim a figura dolorosa interroga-me: Será a vida ser desgraçado e amar a desgraça? – Ensina-me o que é a desgraça, que quero conhecê-la, quero fechar-me com a desgraça sós a sós!...

Como posso eu com isto? e com a mentira?... Com a mentira e a dor? Que há de sincero na minha vida? De sincero há exactamente o que eu não fiz. O resto são simulacros. A vida nunca dei por ela – e a seu lado construí um simulacro de vida. Sofro e neste momento tudo redemoinha e se embate dentro de mim – gritos, medo à morte, saudade da vida e desespero. Desespero por não me ter compreendido. Por não ter conseguido amar. Ergue-se o passado inútil e sinto a espada nua da verdade apontada ao peito. Resta-me um minuto e nesse minuto descubro que o pior de tudo é chegar a este ponto sem possibilidades doutra vida que nos deslumbre a agonia e que viver como vivi é digerir o mundo sem ter compreendido o mundo. E agora aqui está o histrião diante da morte. Aqui está o comediante e a hora suprema sem poder mostrar uma acção embora humilde que lhe ilumine a alma para todo o sempre. É a pior das realidades. Quero

resgatar-me e nem ao menos posso resgatar-me, porque nem agora creio, nem agora posso passar sem mentir.

O SONHO ACORDADO

Que valor teria para mim a vida sem o sonho? Ao meu lado homens a falar – duas ou três insignificâncias – e a vida transposta sem o que não a podia suportar. Desde que transformo um sonho em realidade, já ele perde a importância... Às vezes basta-me uma figura, um nada, para de novo atear o fogo extinto que tem sido a razão da minha vida... Stela não faz outra coisa senão sonhar – e continua o meu sonho, como se lho ensinasse.

Até o que sonho desde pequeno, o que não conto a ninguém, porque seria talvez ridículo e porque faz parte tão íntima do meu ser que me magoaria contá-lo. Sonho... quase todas as noites antes de adormecer, sonho... quando me sinto desgraçado – sonho-o ela também com os olhos abertos. Às vezes falam-me e eu não ouço. – Tu que dizes? – Nada. – Ninguém senão minha filha sabe o que eu sonho.

É na noite da consciência obscura que verdadeiramente nos encontramos.

Essa parte da minha vida – a única importante, refúgio e calamidade ao mesmo tempo, porque me inutiliza para as coisas grotescas – consigo às vezes detê-la; – a ela não há nada que a detenha. O sonho subjuga-a. E sonha com nervos, sonha com dor – com exaltação quando sofre – porque só a dor sabe o segredo da vida.

Procurei-a em toda a casa sem a encontrar. Ia gritar de dor e abri a porta, com repelão, para respirar, quando a vi que me sorria.

– Foi preso.

– Entra no mundo da expiação.

– Não, no mundo da dor e do medo. E não tem ninguém a seu lado, ninguém que lhe fale. Se me disser: – Vem – eu vou... – Fui procurá-lo ao pátio ao lado onde mora a Asilada – e não lhe pude valer. – Que vem aqui fazer? – No quarto estavam dois homens e ao canto o berço – um velho calvo e um ladrão a quem faltam dois dedos. – Matou – disseram. – Nessas coisas não se fala! – protestou o outro. – Espera, pai... Quero dizer-te tudo. Tu puseste-os – a ele e a Asilada fora, mas eu quis vê-los e fui procurá-los ao pátio. Nunca me pareceu tão linda, com a menina ao colo, e a chorar por mim e a dizer-me que me fosse embora. Pedi-lhe para ser minha amiga e ela respondeu-me que não podia ser minha amiga. – Porquê? – Porque a menina é rica e os pobres não podem ser amigos dos ricos. E ao mesmo tempo que a aborrecia percebi que ela é que tinha razão. Por ser calcada e desprezada é que tinha razão... Espere, não se zangue comigo. Eu compreendi que ela valia mais do que eu e que a amava extraordinariamente. Se pudesse sofrer como ela!... Quando segunda vez lhe propus amá-la, outra vez me respondeu que não: – Eu vou lá a casa, e faço o que a menina quiser, mas amigas não podemos ser.

– Tu sabes onde ele está?...

– Não sei nem que soubesse lho dizia. Que lhe quer?

– Valer-lhe.

– Quis-me acompanhar à porta, apesar de serem dois passos. Ouvimos cantos maravilhosos que saíam da igreja e entrámos onde Ele está pregado na cruz. Muitas coisas me passaram pela cabeça e outras me pareceram tão longe, tão longe, que não me importavam nem me afligiam... Jesus está vivo e vem bater à nossa porta. Outra vez, antes de nos separarmos, olhei para ela e vi-lhe na boca um riso extraordinário em que mostrava os dentes aguçados da fome que passou no asilo e as gengivas descoradas. Lembrei-me que lhe disseram para deixar o ladrão. – Deixa-o! – E quem é que ele há-de

ter se o deixo? e quem hei-de eu ter se me deixa? Bate-me? Acabou-se! Eu sou como uma cadela com a barriga cheia e um filho na barriga. – Pedi-lhe que me perdoasse e ela respondeu: – O rico não deve perdoar ao pobre, e o pobre não pode perdoar ao rico. Os ricos não têm perdão. – Neste mundo?... – Nem neste nem no outro. – E chorava, derramada em lágrimas por nos separarmos assim para sempre e eu chorava e a boca sabia-me a salgado como se tivesse bebido todas as suas lágrimas... Espera pai, não me ralhes. Ela não me pode ver, mas eu adoro-a e quanto mais se afasta de mim. mais me ponho a pensar e gosto dela.

Sendo pura como as estrelas, caminha num mundo em decomposição que não pode repelir.

– Sonhei com esse silêncio que não suporto... Sonhei com aquelas figuras e aquele homem a quem faltam dois dedos, e aquela mulher e aquele ladrão que repeliste. E não suporto este peso, choro esmagada por este peso...

Quase sem interrupção acrescenta:

– Se me disser – Vem – eu vou...

– É um desgraçado.

– Há outra coisa que se esconde – que nós, fechadas as portas e as janelas – escondemos uns aos outros. Fechamo-nos para não vermos a desgraça. Todos nesta hora vamos arrastados pela mesma corrente, excitados e doridos. Todos sabemos que dado mais um passo, e é a morte que nos espera – a morte ou outra coisa de que desviamos o olhar – que não queremos ver.

– Não te exaltes.

– Vamos morrer.

E a sua imagem já me aparece como se estivesse morta.

– Então ouve-me! então responde-me! Se vamos morrer, eu quero antes de morrer que me digas porque ele é desgraçado – e todos fogem dos desgraçados. Porque os deixamos ser desgraçados?... Quero que me digas o que é a desgraça e o que é a dor. Porque é que ele responde por uma culpa que não é a sua? E os outros? E todos?...

– Choras?

– Não quero morrer sem chorar e não tenho medo de morrer chorando...

E a sua figura parecia crescer, mais pálida ainda. Os seus olhos cintilaram como estrelas. Há momentos na vida em que a gente está fora da vida.

– Como ele há muitos! muitos a quem quereria falar! O que eu não posso é com isto – é com o céu e a vida!

– A vida não a entendes. A vida é um minuto.

– Por isso mesmo, por isso mesmo!... Os homens não ouvem os gritos.

– E o céu?

– O céu ouve tudo e cala-se. Talvez o seu esplendor seja o reflexo da dor humana...

– As estrelas não se mexem...

– Mas as estrelas estão aborrecidas do céu e muitas por serem desgraçadas. A dor não me dizes tu o que seja – e eu compreendo-a. O que eu não compreendo é porque os homens se desviam da dor e da desgraça em lugar de as procurarem.

– Para não sofrerem.

Naquele mundo delicado há gritos represados e a aflição de quem não sabe exprimir por que sofre.

Até nas suas atitudes se adivinha a morte sufocada e cega. Com os olhos abertos segue noutro mundo. Puxa-me devagarinho:

– Tu que tens? – pergunto-lhe.

– Há uma coisa que me dói. Que eu sinto e que queria que me disseses. Há um

peso aqui...

– Sonhas!...

– Sonho com sombras que não me pertencem e te pertencem a ti. Foste tu que as criaste! Foste tu que as criaste e que as repeles! ... O alto céu estava escuro e as estrelas frias como a morte... E ele fugia num mundo deserto.

O seu olhar, onde vejo reflexos da visão que a aniquila, fixava ao longe outros mundos. Fala quase sem nexos: – E agora estou presa a isto. A tua alma é a minha alma, o que praticares pratico-o eu. O grito que tu ouves despedaça-me o coração... Para onde queres que eu fuja?

– Muito tarde senti bater à nossa porta uma pancada tão baixinha – de quem pede – e tão a medo que acordei sobressaltado. Eram aqueles homens que me vinham buscar. – Que fizeste?... – perguntei-lhe. – Matámo-la. – Falo eu – disse o ladrão a quem faltam dois dedos e bateu com os nós dos dedos na mesa como quem bate numa tábua com outra tábua. – Tu és dele? Se és dele fala-lhe! – Sonho, dizes! Sonho!

– Vi tudo e estava acordada como agora...

– Sabíamos duma velha que tinha o dinheiro metido no colchão e forçámo-lhe a porta com um ferro... – Ouve. Eu estava também lá nessa casa e vi essa morte e assisti a tudo. A velha gemeu. Bateram-lhe com o ferro na cabeça até que se calou. E aquele homem que saiu da sombra, pôs-se a escovar o fato com uma escova velha. E disse-me: – Agora tu segue-o que ele é como uma alma penada, com frio e fome nesses ares...

Recuo diante dela. Não é piedade que sinto – é atracção pelo mundo da desgraça e do crime. Não é só o sonho que nos une; outro fantasma nos liga a todos três, a mim, a ela e ao ladrão. Eu bem o sei. Sei-o pelos seus olhos onde há uma chama dourada; sei-o pela sua exaltação que é a minha exaltação e pela ternura de que é capaz e de que eu sou capaz – por esta ternura excessiva e horrível, que está sempre fora de tempo e de lugar. Olho-a. Na figura emagrecida a tremura da boca prenuncia uma explosão de lágrimas...

– Os criminosos não têm ninguém com eles senão Jesus Cristo. Só um Deus se atreve a amar a dor e a desgraça, porque é Deus. Só um Deus ama assim porque foi julgado, supliciado e pregado na cruz por ser criminoso. Talvez só quem atinge O crime atinja o segredo íntimo do mundo – se é castigado pelo seu crime e morre gritando por Ele que bebeu o cálice até às fezes. Amo-o. E o que nele me atrai não é a morte, é a dor e o resgate – e outra parte dolorosa e tremenda que não queremos ver, que não podemos ver – ?... – Por isso mesmo! por isso mesmo!... – Há momentos em que a alma faria fosse o que fosse para não sofrer – há momentos em que todos nós somos criminosos. E tu! e tu! Não fui só eu que lá estive nessa noite – também tu cometeste o mesmo crime... (Num momento se comete um crime. Duma vez despejei o revólver sobre duas crianças que me roubaram uma insignificância. E se lhes tivesse acertado? Depois, bem sei, morreria de dor – mas tinha cometido um crime.)

Estende-me os braços. A sua alma reclama na obscuridade do espaço interstelar que o luar sobrenatural a ilumine como um pico deserto espera pela luz para se revelar. O que leio nos seus olhos atrai-me e não o suporto. É uma luz esplêndida e monstruosa que a ilumina. É uma criança que vive com exaltação e inocência? Talvez. Mas há outra coisa que pressente e que deseja para si... Há talvez um gozo em amar até às fezes. Em ser crucificado. Talvez a lei suprema da vida seja amar na dor e na desgraça.

Encaro com esta figura que pertence ao sonho e choro. Choro-a como se estivesse vivo.

PALAVRAS

Se tu soubesses como isto é amargo e me pesa! Se soubesses como grito quando deparo com o mundo como mistificação e acaso!...

Ouçõ essa coisa esfarrapada e monstruosa como se a loucura pregasse na noite sem ninguém a entender. Somos condenados. As sombras que vêm dum passado incógnito caminham e não se detêm. Para a dor, para a desgraça, para o crime. Pertence-lhe como eu lhe pertenco, a figura empoada pelo brilho das estrelas – ao mesmo mundo absurdo e trágico, onde a beleza e o espírito são filhos de acaso, onde em vão procura um fim e um destino e só encontro mistificação e absurdo.

Porque é então que a mentira e o acaso produzem estes frutos – a dor e os gritos e a alma de Stela? Como se cria uma alma inocente e pura para a entregar às mãos da fatalidade?

Bem sei que a vida é dolorosa e bela e só é bela se é dolorosa. Só muito tarde compreendemos que ela só se engrandece quando calcada aos pés. No risco de a perder é que entrevemos a desproporção entre a fragilidade dos seres e o mistério do destino. Então para que repetimos actos e gestos inúteis, se não podemos desviar a catástrofe? Talvez a vida seja um mero pretexto e só tenha importância o que se passou atrás do pano do fundo. Talvez o amor só exista na morte. E talvez o minuto em que as nossas almas se encontrem aterradas e transfiguradas seja o mais belo de toda a nossa existência. Talvez esteja tudo errado. Talvez as estrelas se não chamem estrelas. Sim, talvez... Mas esta coisa que anda aos gritos, que desconheço e que desaba hoje ou amanhã e a vai levar para um acto horrível?... Haverá no nosso passado um crime?

Ó coisa, como eu queria entender-te, saber o teu nome e dar-me algum tempo contigo! Às vezes enches-me de dor – às vezes deslumbras-me. Enches-me de azul e de entusiasmo, ou de luto denegrido e hostil. Uma jóia na noite faz-me cismar – um acaso na vida deita-me tudo por terra...

Pego na cabeça de minha filha e olho-a lá para o fundo dos olhos e encontro-lhe qualquer coisa de extraordinário: não é luz vulgar, não é um produto do acaso. um ponto minúsculo que reluz e me atrai. Talvez não valha nada – talvez mesmo não exista e seja um mero reflexo luminoso. Espreito bem para o fundo – e aquela luz comunica-se-me, exprime ternura até ao ponto do sacrifício, um sentimento de amor, livre de todo o interesse...

É estúpido que isto exista no mundo e venha contrariar o mundo. Se houvesse só acaso e absurdo era melhor, porque resolveríamos sem hesitação todos os problemas... Mas isto têm-no os bichos. Este ponto que reluz e aumenta até se transformar num abismo, faz cismar e ter medo.

A expiar? E minha filha é castigada por um crime que ignora? Tanto faz falar como estar calado. Os meus protestos, ninguém os ouve. Nunca, como hoje, vi Stela caminhar para uma vida horrível com um sorriso de inocência e a certeza noutro mundo que não existe. Gritar para quê? Há uma coisa que se não compadece – encontro um muro tapado, fechado, inacessível, fingindo que tem luz, que tem estrelas, que tem primaveras – e que é negro, duro, sólido, compacto. Tanto lhe faz que ela seja pura como impura.

E também pode ser que isto seja uma insignificância e eu esteja aqui a rasgar-me por uma insignificância.

Não é só o ladrão que a atrai – ama-o por ser desgraçado? – é o mundo a que pertence e que sempre ignorou. Não a posso arrancar àquele sonho – a uma ternura excessiva e à ânsia que lhe gela as mãos. Está presa e fascinada. Presa para sempre. Bastou tocar-lhe não sei em que ponto, em que nervo, para aquele sonho monstruoso encher toda a sua alma de criança, que não pode com ela. Para o adivinhar e estremecer de horror? Não – encantou o espectáculo, do qual não conseguia arrancar os olhos, atraída como se já o tivesse atravessado noutra vida – como se lhe pertencesse inteiramente.

Em vão ambos o repelimos. – O que nos interessa, tanto a mim como a ela, é talvez a decomposição. Os outros falam – é inútil. Representam e não nos dizem palavras vivas. A única parte viva da nossa alma é a que nos impele a destruir – é o fantasma que não queremos ver porque – a vida mete medo. Até esse fundo é que eu queria ir – até o poder olhar cara a cara – até ao fundo donde nos vêm os impulsos. Duas, três vezes o tive seguro e me abandonei nas suas mãos – sentindo-me viver ligado a outra vida extraordinária – a essa vida que despreza as regras, que ignora os hábitos – e que caminha exaltada e plena para fora do mundo convencional. É certo que o coração me pulsa com ritmo e força e que eu respiro; é quando me sinto viver, não como um ser individual com nome no cadastro, e uma profissão – mas como força e destino.

Ainda se eu tivesse a certeza de que vivi... Mas eu tenho a certeza de que não vivi. Não cometi senão actos vulgares, e nada fiz na vida ligado intimamente à vida. Para realizar os actos de toda a gente tanto faz estar vivo como morto. Antes o crime. O pecado torna o homem melhor, talvez o crime torne o homem maior. Talvez ele expie por nós. E quantas vezes em imaginação eu matei um homem ou cometi um crime?...

Esfarrapo-me. Na realidade qual de nós é mais criminoso? É ele ou sou eu que minto e que passei a vida a mentir? Porque a vida não pode ser esta coisa em que mergulho todos os dias ao acordar por hábito – a vida há-de ser um acto magnífico.

O maior dos crimes é aceitá-la como no-la impõem. ser objecto. O que há de pior é ser objecto ou praticar um crime? E engordar, aceitando a vida monstruosa, ou praticar um crime?... Se atiro tudo à pressa da janela abaixo, como quem atira móveis velhos à rua, fico deslumbrado e caminho como quem lutou e ficou vitorioso. Todas as coisas por que tinha um grande respeito, a honra, a família e até as horas, me parecem ninharias. Para que me afaço às horas, ao tempo e ao juízo alheio e a toda a farrapagem, e não caminho erecto sob o céu constelado? Porque não cumpro o meu destino, como ele cumpre o seu destino, até ser arrastado, perseguido, reduzio a trapo, de mão em mão até à morte?...

E mais alto ouço o grito que me não larga e que me queima como se as palavras fossem de fogo. – Que fizeste tu da tua vida que não seja igual à sua vida? Nada. Remoí. Não me atrevi, disse com a cabeça que sim – e à custa de compressões e de frases fiquei um bicho extraordinário, a contemplar o universo e a dar-me os ares de ter uma alma imortal. Um bicho que o que quer é que lhe dêem importância, e que logo que uma coisa está feita tem o instinto de a desfazer, que ao mesmo tempo com a certeza do nada se ri, e acaba o riso numa súplica baixinha, esperando comover o muro inabalável que tem em frente. Dúvida e medo. Deixa-me viver com todas estas misérias, deixa-me viver outra vida! – E sabe que outra vida não existe. Que bicho desconcertado e que ama o seu desconcerto e não o troca por um império! Encontrando-se nu, vestiu-se à pressa de toda a farraparia a que pode deitar as mãos e olhou para si desvanecido. Há ocasiões em que faz cortesias a si próprio... Um bicho que nesta mixórdia se lhe meteu

na cabeça ser um homem de bem e chegou por fim a este resultado grotesco – a ser, ao mesmo tempo, um fantasma e um homem de bem.

E O MONÓLOGO INTERIOR NÃO CESSA

Outra coisa... Se o casamento consiste em ter filhos, então está bem, tínhamos para aí muitos filhos. Mas se o casamento, como Sílvia quer, tem de ser espiritual, para ascendermos, eu, ela e os filhos, deste mundo até ao outro, então eu nunca fui casado: entrei e sai no casamento como numa casa alugada. (Remorsos? Eu não tenho remorsos; o meu desespero é pior: é de ter errado a vida. Há quem se acomode. Eu não me acomodo...)

Nesta afeição há entre mim e ela um laço de hábito – e de outra coisa que não é hábito e talvez seja amizade –, mas que o interesse intervenha e com ele intervém o fantasma monstruoso que se põe a pregar agitado, desesperado e incoerente. Um dia em que Sílvia adoeceu (nesse dia todas as horas foram terríveis ... E talvez eu a amasse... porque na realidade não sei dizer se amei alguém além de mim mesmo) ele desatou a pregar, bradando cada vez mais alto: – E se ela morre e fez testamento?

– Então, vergonhosamente, não resisti, não pensei noutra coisa – numa hora em que ela sofria não pensei noutra coisa, e fui remexer as roupas e todos os seus papéis, até me certificar do que queria saber – até acalmar o interesse. E talvez eu a amasse, e talvez se ela me morresse eu tivesse de morrer de dor – e talvez eu em dado momento fosse capaz de grande sacrifício.

Porque eu amo-a extraordinariamente. Tenho-a amado com cólera – e nisto não há contradição. Amo-a se não me incomoda – amo-a se o meu fantasma, que a detesta, não quer ser livre e só se não põe a pregar. Amo-a com contradições, com discussões, com momentos de sinceridade, de dúvida e de exaspero.

Tratei-a sempre como um ser inferior e talvez por ela se sujeitar a ser um ser inferior é que levei o casamento ao fim. E também por hábito. E talvez também porque sou um fraco e tenho medo de fazer sofrer os outros.

Quando por acaso sucede mostrar-me tal qual sou, nessa explosão de palavras, numa explosão de lava, ela olha-me com espanto e recusa reconhecer-me. Fica atónita – fica a cismar. – Sou outro –sou um ser desesperado que só lhe aparece em raras ocasiões.

O meu maior crime é talvez esse – é tê-la olhado com superioridade e não a tomar a sério. Foi, não digo esconder-lhe a minha alma totalmente, mas não lhe ter mostrado totalmente a minha alma. Fui uma personagem; – seria ela também uma personagem?...

Se assim não fosse, talvez não pudéssemos viver.

A mulher não tem na minha vida a importância que parece ter – a mulher e a sua farraparia.

Eu bem sei que é tudo mentira. Que tudo ou quase tudo de que nos alimentamos é mentira. O mais curioso é que mesmo sabendo-o, por uma espécie de adaptação, continuamos a alimentar-nos da mentira. Talvez por comodidade.

Arrancar tudo, despedaçar tudo, não o posso fazer. É tremenda a força das convenções e dos seres convencionais. Às vezes chego a concordar que os seus sentimentos são superiores aos meus e mais delicados – talvez porque são falsos. Só há nela uma coisa verdadeira e profunda, a ternura, porque essa é instintiva.

Reconheço que isto de amar os que nos magoam – e elas amam-me – é uma coisa que pertence a uma vida imaginária, construída para que não possamos encarar a luz da verdade e vamos para a cova com os olhos fechados... Calar-me, deixá-las viver e calar-me ou então mentir. Ao lado da vida monstruosa de pensamento edificar uma vida diferente – para dizermos uns aos outros: – Como somos felizes!... Ou eu sou eu e faço sofrer os outros – ou deixo de ser eu e mentimos todos. Digo que sim, aquiesço a tudo, e deixo-me também levar por Ele, que já sinto entranhar-se-me até à medula... Só hoje reconheço que o maior mal foi não quebrar. Não me resolver. Ter medo. Tive sempre medo de tudo – medo de dizer o que sinto, medo às palavras e medo à vida. (Agora tenho medo à morte.) E, por mais que eu queira, minha mulher com Ele ao lado não só se me impõe, mas detém-me em certos actos que queria praticar. No fundo é talvez Ele e só Ele que me interessa e essa vida em que não creio e para que olho com espanto. Ele mete-me medo.

Aceitar? resignar-me? Mas vem-me de dentro um jacto de lava que mais me afirma a minha vontade de viver sem dor e sem espectros.

Sinto um grande cansaço, uma vontade de ser só, de quebrar e fugir, um grito de alegria e de perversidade. O outro teima: – Não tenhas medo, que a vida é só uma, e quando chegares à velhice arrependes-te. Serás o homem do hábito, com o hábito de obedeceres ao que os outros nos impõem, com o hábito de estares vivo e morto ao mesmo tempo. E não te atreveste! E arrependes-te quando a vida já passou, arrependes-te com desespero inútil! Não tenhas medo! não tenhas medo! Deixa lá a felicidade conjugal. A felicidade conjugal é o hábito fétido de dormirmos juntos, há cinquenta anos, debaixo do mesmo tecto. Enquanto os outros gozam a vida, tu habituas-te ao jugo. Não recues. Se recuas, falarás do passado mentindo, e nem mesmo saberás distinguir a mentira da verdade, a felicidade da desgraça. – Tão velho! tão frio!... Chega-te para o lume. O que há de melhor na vida são os dias sem sobressalto, idênticos e monótonos. O seu retrato toda pureza é desta simplicidade. Ela às vezes entristece – sonha mas logo está pronta para acudir – continuar o seu caminho sem se queixar. Apaga-se. Por mim não mereço que se mexa uma folha. – Mas na dor – no sacrifício – é a primeira – para logo se apagar. O que os seus cabelos brancos, que foram cor de mel, me fazem sonhar! – Mentira! É a aparência da vida.

Quebra. Ainda que queiras não podes subordinar-te à regra e ao hábito. O hábito é o que mais temes no mundo. Olho para o lado e vejo com horror os que se habituam, cumprirem estupidamente os mesmos actos debaixo dos mesmos tectos. Em andares sobrepostos, deitados uns por cima dos outros, refocilam quase à mesma hora, em quartos com os mesmos móveis fabricados por série. Pergunta a um velho padre, numa hora de intimidade, o que é o casamento. Pior que a prostituição. Há homens que exigem das mulheres o que não exigem das prostitutas. E há mulheres piores que prostitutas. Habituar-me, não quero. Antes morrer!

Ó meu bruto, que estragas tudo e os fazes sofrer!... Até os que se julgam felizes. Estão ali dois velhos – para que olhas sorrindo. E um deles pergunta e tem medo de perguntar. – Uma mentira?... Farrapos... farrapos nesta hora monstruosa. É agora que me pergunto se a minha vida não foi toda uma mentira? Toda a gente dizia de mim e dela: – Como são felizes! – E eu próprio dizia: – Como sou feliz! – E agora a minha alma mete-me medo. Reconheço que passei a vida a mentir. Então aquele olhar posto em mim desde a mocidade até aos cabelos brancos? Então os laços que nos prenderam a vida inteira – esposos modelos para esta vida e para outra vida? O que havia de melhor no mundo não seriam os dias sem sobressalto? Mais cabelos brancos na sua cabeça – e

o que os seus cabelos brancos me fazem sonhar! ... E vivemos entre duas muralhas, na convenção e na mentira! Na mentira!... E o pior é ainda outra coisa: é o pensamento que corrói e se forja no mais íntimo do nosso ser – é o pensamento que é preciso recalcar, inconsistente, e que apesar de todos os nossos esforços teima em vir à supuração, na minha alma e na sua alma... Ninguém, nem ela, me conhece. Ela criou uma personagem fictícia e foi com ela que viveu até agora. Eu criei-me personagem fictícia. E eram às vezes os seus pensamentos que me revelavam o que havia de artificial na minha alma... E estou arrependido! Passei a vida a mentir – e não vivi! Vivi uma vida comezinha e inútil, para representar uma personagem que só agora encaro em toda sua nudez, e tenho pena de não ter vivido e feito sofrer....

Todos os homens que são homens criam e despedaçam entre gritos. O que há de melhor na vida é talvez sofrer e fazer sofrer.

Ó minha querida, não só estraguei a minha vida como estraguei a tua vida!

O GRITO

Um grito e deparo com os labrostes de enxada às costas, a olhar para mim e sem tirar os olhos de mim. A alguns conheço-os eu. Cá está o velho empedernido e a mulher com cara de cavalo, que viviam a meu lado e quase paredes meias. Nunca pertencemos ao mesmo mundo. Não sentem da maneira delicada que eu sinto. Se choram é num alarido descomposto e nunca lhes ouvi falar de afeição ou de tristeza – dum filho morto ou dum sonho morto. São de granito. As figuras talhadas a fouce olham-me com a indiferença duma pedra. Só a terra os interessa – só o pão os interessa. Lá está o jornalista esmoucado que não fala porque não sabe falar – a mulher das estradas – e o cego que esperava do céu um milagre, como se o céu não fosse da mesma pedra dos montes, e não tirava os olhos do céu. E ele e ela, a fêmea tão feia que parece um bicho e outros em esboço, outros bichos de suíças em esboço com quem convivi tantos anos e que esperam não sei que grito ou que sinal, à roda da cidade passada de terror...

Viamo-nos, mas não nos conhecíamos. Eu comia, mas nunca soube o que eles comiam. E a fome era o menos, fome também eu tenho passado algumas vezes – o pior era a casca de estupidez e de indiferença que nos separava. A estagnação, a indiferença. Eu nunca procurei a causa da sua ignorância e da minha permeabilidade glacial. Achei que o mundo estava bem feito por uma vez, eu por cima, eles por baixo e que nunca podíamos ser iguais uns aos outros, nem aqui nem no alto. Eu sou um poeta, senhores, e eles não têm sensibilidade nenhuma. Até a sua resistência é inerte. Nunca olharam para dentro ou para fora e uma árvore, que eu estremeço, só a consideram sob o ponto de vista utilitário – ou para o lume ou para trave. Diante do cedro majestoso que eu plantei, dizem sempre ao passar: – Que boas estacas para feijões! Eles nasceram para servos e os filhos deles, com caras de bichos achatadas, não podem ser iguais aos meus filhos. (Antes matá-los!) Na convenção em que vivíamos, uns por baixo, outros por cima, podia achar-lhes certo pitoresco – os lajedos, as figuras e cabanas enfumadas e outras coisas que nós sabemos – agora horrorizam-me. Podia ter piedade porque eram meus inferiores. Podia achar-lhes certo encanto – agora odeio-os. A insensibilidade atribuía-a a eles – e não a mim, a fome atribuía-a a eles e não a mim que a criava e achei sempre corrente e natural que, apesar de sujos (têm piolhos), rabiem pelo mundo, porque, enquanto cá estão, fazem filhos para jornalistas e soldados. Tudo nos separa: eles pertencem às classes inferiores e eu às superiores... Algumas vezes, diga-se, o velho

caseiro tentou comunicar comigo, mas debalde seus olhos procuravam não sei que ligação com os meus e as suas mãos cascosas (nunca decifrei o que nelas havia de dor!) as suas mãos, as minhas sem nunca as apertar (haja respeito) – aquelas mãos que também se levantavam para o alto e no alto só encontravam o céu vazio e inútil. Morreu ludibriado por mim e pelo céu. Eles viviam e eu vivia – eles aqui e eu ali, uma parede a dividir-nos e separados por um espaço infinito e gelado. Raras palavras trocávamos, a não ser para dar ou receber ordens, porque ele estava no seu lugar e eu no meu, por acordo que vinha do passado, tão completo que já passara da terra para o céu. Uma vez me disse aquela figura tremenda e humilde, humilde como chão raso e calcado, quando lhe fiz ver que no outro mundo havia compensações e se faria justiça: – No outro mundo os senhores estão sentados em cadeiras e nós atrás para fazermos os recados. – E disse-o convencido. E eu olhei para ele, desconfiado, como se tivesse levado um murro na cara, gostei, e segui o meu caminho, como tenho seguido sempre o caminho da vida, sem compreender que o que ele dizia bradava aos céus e aos infernos – aos verdadeiros, aos que estão muito por cima dos outros e onde ninguém chega.

As vezes a minha impressão diante destes homens era de cólera, como diante do pobre que vinha à minha porta e me estendia a mão pedindo esmola, e essa cólera posso eu explicá-la: era a que ele devia sentir e não sentia... Cólera contra mim e contra ele. Cólera por me incomodar nos meus hábitos e me obrigar a sonhar em coisas incômodas. – A figura duma pobre mão estendida é uma figura dramática. É o homem diante do homem e de Deus. Cólera contra mim – contra o mundo – contra o diabo!

Dar sim, eu quero dar. Eu sinto-me bom, e tenho piedade. – Estou ao lado dos pobres. Mas quero dar de cima para baixo, quero-me sentir generoso. Sou até capaz de me despir para ser santo. (O Santo do Alto era até um lindo nome...) Mas isto é uma coisa e outra coisa é encontrar-me defronte destes tipos de suíças, que me dizem: – Dá para cá o que te pertence, que é nosso! – Eis o que não suporto, porque isto é meu – apesar de terem sido eles que o fizeram, e principalmente porque é um acto que bole com todo o meu ser. Ser cristão é uma coisa. Ser bom é outra coisa – e ser espoliado é outra coisa.

Porque é, senhores, que estas bestas se não deixaram estar quietos num mundo maravilhoso e levantaram o espinhaço para eu não poder fazer os meus versos? Perderam o pitoresco quando perderam o respeito que me tinham e me gritaram cara a cara: – A igualdade... Que igualdade?! –Tudo neles era hábito – tudo em mim era hábito – até a vida. E agora estão desconcertados!

Tinha-me afeito. Estava afeito ao grito desesperado que não me sai dos ouvidos e que eu nunca ouvira. A queixa foi subindo e quer por força que o céu a ouça e se comova. Redemoinha nesses ares e o céu repele-a para a terra. Existiu sempre talvez – mas eu cá nunca a ouvi.

Perdeu-se, quebrou-se o que neles havia de extraordinário – o ritmo da vida, que do mais recôndito passado se propagou até nós, entranhado nestas figuras duma monotonia absurda. Eles na realidade não existiram – repetiam gestos. O que existe é o esterco, base da existência. Tem suque ou não tem suque? – é a interrogação suprema da sua vida. Há quem diga que eles o provam. Eu nunca vi. Não se separam do vento, da chuva, do sol, fundidos nas coisas essenciais. – Na primavera, no inverno, e cheirando a mato e a bicho, e às águas adormecidas e acordadas ao fim da tarde – tudo regrado do princípio da vida até à morte, tudo ligado à deslocação mágica do ar e ao caminho pausado dos sóis; e vivendo, morrendo quase sem olharem para o lado, eles e os bois, elas e as vacas, numa gaguez que põe medo, só com meia dúzia de palavras transmitidas para

comunicarem com os outros homens e repetindo os trabalhos rústicos, enclausurados entre os montes e o céu que os esmaga. Têm qualquer coisa de extraordinário, como deuses inferiores ou anjos condenados, sem saberem a causa do seu castigo. Não são as labaredas que os enfarruscam – é a terra e o esterco – a bosta que se lhes pega para sempre às mãos e ao trabalho.

Aquela massa confusa remexeu, oscilou. De noite caíram prostrados, falando alto, falando só. Outro farrapo se despegou da multidão, e ordenou-se em procissão à volta da cidade. Um grupo, outro grupo clamou desorientado. E outro alçava nos ares um Cristo do tamanho dum prédio, com a cara aberta à picareta. Atrás correram e desfilaram aqueles homens de malho ao ombro que na eira branca como um forno, entre raios de pojeira, gritavam: Auga! – e outros tartamudos, cheios de terra, de bocas abertas para o céu, gaguejando: – Bé bé!... Atrás crianças já velhas e sórdidas, pela mão de mulheres desesperadas... A noite faz-lhes uma espera e desaba sobre eles dum lado e doutro do caminho. Um jacto de pesadelo engrossa a jolda humana.

Prolonga-se o borrão imenso de vida ou de negrume. Cerra-se de todo a noite. Um bloco em ruína destaca-se de sombra e mexe-se agarrado ainda à sombra. Por fim não podem. Caem as primeiras filas sobre a cinza e os excrementos, quando um velho se põe a pregar em cima duma pedra: – O inferno! o inferno! – Um momento tudo aquilo, tomado de pânico, anda à roda, à roda – terra, céu vazio, o céu das estrelas e os labrostes cheios de esterco e de medo. – O inferno! E, não podendo com o pecado, erguem as mãos de terra para o Cristo aberto à picareta, enquanto o velho brada sobre o penedo: – O inferno! o inferno! Mas da escuridão, há outra escuridão – outra massa que empurra os da frente. O Cristo vai cair, oscila, levado no meio da multidão que avança num impulso irresistível.

ESSA NOITE

Outros seres! outros seres!... A noite sua. A noite viscosa e fria pega-se às mãos e à cara. Uma hora, um grito ao longe que sobressalta, um peso no peito como se o mundo nos desabasse em cima, e farrapos de ideias e de imagens redemoinhando diante de mim. Perguntas, gritos represados, e dúvidas, cada vez mais dúvidas... Outra hora se passa, outra hora mortal numa tensão nervosa que não suporto... Vamos morrer? E a outra personagem fala cada vez mais alto. Pesa tudo. Pergunta-me se fiz o bem ou se fiz o mal. Todas as coisas perderam a significação, só a morte é a única realidade. Quem me dera crer! quem me dera crer! Mas detém-me sempre o mesmo riso de sarcasmo, como se alguém me olhasse de lado, dizendo com asco: – Histrião! – Não, não posso crer – aquela figura tremenda atravanca-me a existência e não me deixa viver em toda a plenitude. Domina-me. Até aos que fingem amá-lo e aos que representam amá-lo, pega qualquer coisa de extraordinário, quanto mais aos que se lhe entregam de corpo e alma! Pouco e pouco, quase sem dar por isso, e apesar de não crer, encheu a minha vida. Minha mulher pertence-lhe. Pertence-lhe minha filha.

Talvez por nossa desgraça ninguém consiga arredá-lo do mundo. E por nosso castigo. A sua sombra inquieta-nos. A sua cruz mete medo. Para Ele deixar de ser um constante remorso e um constante pesadelo, era preciso exterminá-lo. Ao mesmo tempo, sem Ele tudo no mundo parece inútil – a vida passa-se numa fossa. Sim, eu vejo tudo isso, mas não creio! É uma impossibilidade absoluta. Não creio, não posso crer. Só mentindo. Só aceitando-o como uma mentira necessária. Compreendo a necessidade de que exista – tanto que foi preciso criá-lo e ainda hoje o estamos a criar – mas sei

perfeitamente que nunca existiu. E dilacero-me. E grito. E obsidia-me. E pesa-me. Basta dar com Ele na volta do caminho para a vida tomar logo outra significação. Tudo perde o interesse, tudo passa para o segundo plano. Mesmo quando se não creia? Mesmo que se não creia, a sua sombra não nos larga, como se fosse uma temerosa realidade. Tenho feito tudo. Tenho discutido e pregado. A verdade é que não posso desfazer-me de Ele. Às vezes, de propósito, digo uma monstruosidade. É pior. O que queria ter era indiferença – e não a consigo. Na verdade esta luta tem sido com Ele sempre presente, mesmo quando não falo. No meu desespero, nos meus impulsos, no medo da morte, quando me debato e o nego, a luta foi sempre idêntica. Senti sempre a sua mão – até quando a repelia...

Nunca Sílvia e Stela me apareceram assim. Olho para elas com dor e espanto. Sílvia parece encarnar toda a decepção do sonho humano. Reconheço que o que a faz sofrer é o que nela há de delicado, de aéreo, é exactamente essa mentira. Sofre porque se atreve a realizar um vago sonho transmitido de geração em geração e que não tem realidade nenhuma. Mas se há nela alguma coisa de superior e delicado é a mentira. Minha mulher é uma mentira e a mentira entranhou-se de tal maneira em todos os actos da nossa vida que a não possa separar da verdade. Não só eu minto e ela mente, como a sua verdadeira figura não é a que me aparece, como minha filha já se transformou num ser artificial. Não preciso de lhe falar. As palavras não valem nada. Mesmo sem palavras a tua alma se transe de angústia diante do fantasma que nos domina e tem um prazer extraordinário em nos dominar. Por ora não grites! Estamos diante de factos consumados e não nos podemos deter. Ninguém resiste à sombra que se introduziu nas almas e a todos os momentos avança. – Uma Sombra? – Uma Sombra que se apoderou de todos os seres e nos conduz não sei para onde. Vai desabar a arquitectura do passado e cada vez mais monstruosa a Sombra se aproxima de nós. Não grites!

Como a sua figura é dolorosa, muda e dolorosa! É o medo da morte? Sou eu e a filha? É a minha atitude? Olho para Silvia com espanto porque fui eu que a criei, que rebaixei até à lama a sua alma. Pus-lhe diante dos olhos a bestialidade e a sensualidade que me não largam. Transformei-a dum ser puro num ser degradado. Ela era outra figura que podia morrer sem medo de morrer. Fui eu que a contaminei com o meu bafo e a modelei com as minhas acções e os meus pensamentos mais secretos. Amá-la, nunca a amei. A mulher não tem essa importância na minha vida. Tudo nos separa, as nossas idades e os nossos sentimentos, a não ser em certas horas de dolorosa sensualidade. Não lhe digo isto, nem é preciso dizê-lo. Ela vê talvez a minha alma como eu vejo a sua, porque vai gritar e queda-se sufocada: julga-me, e eu julgo-me... Se está ali dominada e aniquilada, preciso de confessar que fui eu que a aniquilei. Que fiz de minha mulher e do seu sonho? Percebo-lhe nos olhos a agitação que a devora. Fundida e refundida, modificou-se a ponto de ter medo de si própria.

(A noite, apesar de verão, pousa sobre nós a sua mão de finado. Passos – estremeço como se tivesse cometido um crime. É o meu próprio coração que bate. E um gemido vem do fundo do passado, de toda a dor humana incógnita, e trespassa-nos, ou é o nosso próprio ser que range? Bate ao longe uma porta com estrondo, e todo o silêncio que pesa sobre a cidade, de repente sacudido, grita de aflição.)

Estremeço como se chamassem por mim do autor mundo. Ao mesmo tempo a mão de minha filha toca a minha mão. Volto-me e reparo nela como se pela primeira vez nos encontrássemos. Cresceu mais subtil do que nunca, mais figura de Andresen, empoadada pelo brilho das estrelas. De noite eu tenho medo; ela ignora-o. Tenho a alma em farrapos e gritos nos ouvidos, apesar de me falar baixinho. Adivinho outro mundo calcado que me pede contas da dor, enquanto este ser espera de mim qualquer acto

sobrenatural.

– Eu já sei. Sei porque sofres e porque é que ele sofre. Sei o que tu não sabes.

– Olha que eu sou muito teu amiguinho.

– Eu sei. Tu é que não sabes como eu sou tua amiguinha... – E a sua voz, como um fio de luz que oscila, estremece e quase se apaga: – Sou ainda mais tua amiga do que dela.

– Mais minha amiga porquê?!

– Porque a fizeste chorar e me fizeste chorar. E é quando choro que vejo as coisas mais lindas que tenho visto.

Olha para mim e na luz onde se espelha e vive o céu, há qualquer coisa de atroz – inocência e dor, espanto e dor. Naquela manhã virginal represaram lágrimas. A dor concentrada deu-lhe uma penetração maior e botou-se a descobrir o que não pode compreender. Debate-se, mais viva do que nunca, antes de morrer. E é como se nos pússemos a estorcegá-la e ela a amar-nos. Leio-lhe nos olhos um amor extraordinário com que aquele ser frágil não pode, outro amor diferente do que o que me tinha, outra luz dolorosa e profunda que a domina e exalta. Prende-me, deita-me os braços à volta do pescoço e chora porque não pode explicar o que nos une e separa.

– Filha, fala comigo...

– Essas coisas ouço-as aqui dentro. Ouço-as quando choro por ti e por ela. Mas é por ti que eu choro. Não quiseste ver a desgraça, não quiseste suportar a desgraça!

Ilumina-a uma chama que parece provir das estrelas. A sua ânsia mata-me. Sofre porque sofro – sofre por mim e por ele. Nem sequer me acusa. Ama-me extraordinariamente, o que me enche de terror e remorsos. Tenho vontade de calar todos os meus pensamentos e de os recozer no fundo da alma. Se há Deus, como hei-de aparecer diante de Deus com estas criaturas que não soube amar? Pois eu fi-las sofrer e elas amam-me?! Amam-me ainda mais?! E o grito que parece sair da noite trágica não me larga: – Por isso mesmo! por isso mesmo!

Eu não tenho medo de morrer – e tu não tinhas medo de morrer, se tivesses aceitado a desgraça.

Então que exige. Ele de mim? A vida consistirá em ser desgraçado? Ele exige de mim que me dispa para vestir até os que odeio? Como isto é anti-humano e até pueril. Ou será outra coisa maior – e o que Ele exigia de mim era que me despisse da mentira?

Eu não vivi e bem percebo que as não deixei viver. Que não compreendi o seu sonho nem elas o meu. Que o pior da minha vida é que não fiz nem desfiz. Que não sei se quero se não quero. Que não sei se creio se não creio. Foi talvez a hesitação. Foi o medo. Despi na consciência o mais pequeno acto até aos últimos extremos, chegando no fim a não saber onde acabou a sinceridade e começou a representação. Foi não ter sido um homem – foi não ter mostrado a minha alma à sua – para a não fazer sofrer. Mas antes fazer sofrer do que mentir. Essa falsa piedade, esse medo, fez com que não tratasse as suas almas a sério. – Antes fazê-las sangrar! Era isto que Ele queria de mim? Por isso mesmo! por isso mesmo!

Esta exaltação é dela e é minha. Noutra ocasião não a deixava dar mais um passo. Continua-a. Mas de que me serve conter-lhe a exaltação, se vamos morrer?...

Daquele fundo a cidade surge espectral – a verdadeira cidade, não de muro e telhados. – Mas a cidade que construímos todos com as nossas ninharias e os nossos crimes – a cidade putrefacta. A cidade e o grito. – Aquele grito rasgado que há muitas

noites não cessa. Uma vibração sobreaguda que se afasta, dura alguns segundos suspensa no ar e morre como se a sufocassem. É uma nota desencarnada que faz estremecer a noite. Homens apunhalaram o espectro, gemeu mais alto e voltou. Não nos larga, teima em bater às nossas portas, como se quisesse chamar a cidade mergulhada no espanto, ao sentimento doutra realidade.

Tudo isto, reconheço-o, é artificial. Stela é feita de sonho. Criou-se do bafo e das palavras dos vivos e dos mortos. Como minha mulher é uma personagem novelesca, e de nós três talvez seja eu a figura viva, embora desnorteada e amarga. É artificial e por isso talvez me domine. É uma mentira criada a bafo com que não posso arcar e ao mesmo tempo domina-me e desespera-me.

Eu que nunca acreditei em Deus, terei de acreditar em Deus? Terei de aceitar a mentira como se fosse verdade, agora que todas as figuras se movem iluminadas por uma luz desconhecida? Haverá na vida humana um dever maior e mais imperativo do que a gente sacrificar-se por o que julga a verdade? Dir-me-ás que o homem só se tem alimentado de mentiras e descobrir a verdade é talvez morrer. Talvez. Talvez até o mundo da mentira seja mais belo do que o mundo da verdade. Tudo que me dizes eu sei. E sei também que há em todos nós uma força superior que nos obriga a caminhar, e no meu íntimo uma voz que me diz: a mentira só se suporta enquanto mantém aparências de vida; depois é grotesca. Desde que se não crê nela não passa dum farrapo, e eu não posso viver de farrapos.

Que extraordinária tragicomédia um mundo onde seríamos forçados a mentir ao nascer e a mentir ao exalar o último suspiro! Condenados a mentir em todos os actos da vida: desde que falássemos verdade, contribuiríamos para a desgraça e para a dor dos outros. E assim marcharíamos arrastando voluntariamente até à cova uma desmedida cruz de mentira, morrendo agarrados a ela, para podermos suportar a vida.

Um ah! veio de fora e pusemo-nos a escutar, petrificados, aquele silêncio pânico. Pela janela aberta entrava como um bloco a frialdade intacta. Todos à mesma hora se fecharam por dentro, e, na mesma atitude, continham a respiração, esperando. Por fim, ao longe, ouviu-se um grito de desespero. Outra vez uma pausa e um estampido formidável, o assalto de vagalhões atrás de vagalhões, que queriam subverter-nos, atirando-nos o cuspo à cara.

Tento. É talvez esta a hora mais amarga, quando compreendo que não me é dado morrer com elas e quando vejo a cruz desmedida, a cujos pés caíram, crescer e tocar o céu. Sinto-me repellido. Stela não tira de mim os olhos, mas o meu seu interior protesta até ao fim, até diante das figuras desencarnadas, só luz, uma caída junto ao Cristo, outra iluminada pelas estrelas e pertencendo a um mundo infantil e cósmico.

É por não crer que sou repellido? Mas eu tenho feito tudo para crer – e não posso crer.

Amo fundo toda aquela límpida claridade. Reconheço-a a ponto que depois de tudo isto está tão pura como na primeira hora.

(Notem que há factos que talvez nunca se deram e em grande parte o conflito passou-se no meu íntimo. Mas nem por não se realizar, o drama foi menos real. Foi talvez maior, porque decorreu sem entraves na minha alma, desenvolvendo-se até onde quis desenvolver. Decidi em pensamento as piores acções e as mais absurdas. Que importa que o drama se tenha ou não exteriorizado? Julgo-o mais verdadeiro e criminoso diante de Deus do que se o tivesse posto em prática. Se Ele existe, é pelos

meus pensamentos, mais do que pelos meus actos, que tenho de ser julgado.)

Vi-as ambas mortas e piores que mortas... Todos três nos ligamos pelo olhar, minha mulher, o meu fantasma desesperado, e Stela a sorrir-nos. Sílvia compreendeu-me porque o seu olhar me disse: – Faz de mim o que quiseres. – Mas logo recuou de horror fitando a nossa filha.

Um clarão de incêndio nos bairros afastados. Os prédios, mais altos e mais negros, parecem Necrópoles. Uma ou outra sombra escoá-se nas ruas.

– Já tudo se passa para as bandas da morte.

Fugi. Fugi para as não ver mortas – e pior que mortas – mas levei-as comigo. – E comigo levei a visão da cruz imensa e o debate perpétuo que me esmaga. Porque as dilaceras e porque me dilaceras? Vejo nos relâmpagos uma coisa mais profunda de que me afasto – e tenho medo de compreender. Num minuto nego, rio, hesito, e afasto com as mãos as mãos do silêncio que me envolvem e sufocam.

Ficam sós. Abre-se na noite outro boqueirão mais fundo. Todo o ruído dói, todo o movimento dói. Só o silêncio nesse momento se suporta; se há gente viva, anda na ponta dos pés. Está talvez por um fio a catástrofe. Sílvia encosta-se à porta, e o silêncio ainda se fecha mais em roda.

– Filha, vem para o pé de mim. – E põe-se a escutar. – Parece que ouço mexer devagarinho lá dentro.

– Mamã! Mamã! que lindo!... – exclama Stela. E aponta as janelas. É o clarão dum grande incêndio. Ouve-se ao longe um canto de alguém que morre, mas que protesta e confia – que morre cantando. Batem devagarinho à porta do quarto.

– És tu?

Ninguém responde; batem com mais força.

– Fale quem é!

A porta entreabre-se. Um focinho aguçado de rato introduz-se, espreita e logo recolhe atrás da ombreira. Mãos avançam e tacteiam.

Alguns esfarrapados e atrás deles bonecos toscos de madeira, abertos à enxó, que não fecham os olhos – não podem. Jornaleiros, um soldado, um velho de cara rapada, uma mulher com um pacho num olho. – Sonham na vida, aquelas figuras que se não suportam? Uma avança a manípula e apalpa os vestidos de Stela abraçada à mãe.

– Isto acabou... este mundo... estas coisas...

– Deixe a minha filha!

– Os trapos, anh! os trapos que os nossos não tiveram. Os nossos filhos dormiam nos portais e educavam-se para ladrões, para pior...

– Os nossos tiveram fome.

Só os labrostes que cheiravam a terra e a caldo abrem e fecham a boca sem chegar a pronunciar uma palavra.

Sílvia une mais a filha contra si, com um movimento pendular da cabeça e o mesmo ruído inarticulado na garganta; e Stela encara o ladrão, estende devagarinho o braço e acaricia a mão a que faltam dois dedos, que lhe foge como se a queimas sem.

Uma descarga e eles escoam-se pela porta. Sílvia segue-os com passos de automático e fecha-se num repelão.

– Calemo-nos ambas como se estivéssemos mortas! – Aperta com desespero a filha nos braços, diante da visão do mundo que antevê. A figura dramática dos bonecos não lhe sai dos olhos. Outra vez corre o fecho das portas:

– Não tenhas medo, minha filha, meu amor. Eu também não tenho medo... O

melhor é dormires. – E põe-se a falar sozinha a uma figura imaginária: – Ouço-te andar à minha roda. Cada vez mais perto. Estou nas tuas mãos. Não falas, mas eu ouço-te perfeitamente. Que destino reservas à minha filha?

– Está tão escuro e tu a falares para o escuro. Não tenhas medo, mãe, que eu não tenho medo...

– E depois duma pausa: – Os filhos deles tiveram fome?

– Não tenhas medo, que eles não voltam.

Stela olha para a mão que acariciou a mão monstruosa e insiste:

– Os filhos deles tiveram frio?

Sílvia hesita...

– Tiveram. Como o teu coração bate! Sossega, não voltam mais, nunca mais, filha!

Olha para Stela. Outra vaga de silêncio desaba sobre a cidade. – Matar-se é a condenação pela eternidade, é o inferno pela eternidade, separada para sempre da filha – mas matá-la e matar-se é a única salvação que lhe resta. – Então tu existes e abandonas-me? Tu existes e consentes que a arranquem dos meus braços, para um mundo de horror? – O negrume que a cega é tão total, que outro ser se funde iluminado pelo clarão do desespero. Compreende, pelo silêncio que sucedeu à fuzilaria, que a luta cessou lá fora. – Morto! – Cada prédio torna a dar um grito – logo estrangulado. – Pior que o outro inferno é este inferno. Outro mundo, dizes? Outro mundo que não quero compreender nem posso suportar. – O mundo trágico dos desgraçados. – Perco a minha alma para a salvar.

Todos os seus movimentos são automáticos. O mais leve ruído se lhe repercute na alma com fragor. Ergue-se e de repente grita ao ver a imagem duma morta no vidro polido – a sua própria imagem cor de cera, reflectida no espelho, como se já estivesse no caixão.

Precisavas deste momento em que oscilas para te completares. A tragédia é interior. São fossas, são vozes num mundo morto. É ela que pergunta, responde e duvida – e a dúvida refunde-a num jacto e uma voz que teima e resiste, um ah! que raspa por dentro uma alma. E mais um passo e o mundo exterior desaparece. Porque é que Ele não mostra a sua face ensanguentada, estendendo para elas as mãos piedosas? Matar a filha é a única solução. Matá-la e matar-se – embora condene a sua alma por toda a eternidade. Não a tornar a ver por toda a eternidade. Ela que passou a vida a segui-lo – não o encontra neste momento trágico. Chama-o e só encontra o deserto amargo. Os seus gritos de dor são inúteis, como se Ele não existisse. Só Stela parece escutar, alheada, uma voz que teima e toda a noite chamou por nós, cada vez mais perto de nós.

De quando em quando estremecem ambas: com gritos prédio a prédio a rua vai-se calando. Só uma voz ao longe teima e resiste num anh!... anh! de aflição que raspa o negrume como quem raspa por dentro as almas.

Tudo desapareceu – só o grito teima... Talvez só ela o ouça. Começa tão de repente e acaba tão de repente que não pode situá-lo. É tão dorido e, magoa tão fundo que parece que somos nós que o soltamos. Ouve-o na realidade? Vibra com o sofrimento pisado e repisado. Tudo no mundo desapareceu. Só a dor existe. Atende melhor. Não ouve as descargas que estilhaçam as janelas – quando a mãe cai de borco como morta. Aquela voz que se aproxima contém em si um mundo que espera e inutilmente tem esperado. O grito atroz faz parte integrante da vida e cresce com a vida. Existe e não sabe que existe. Mete medo e faz sonhar. Stela escuta e interroga a escuridão com tal ânsia que a escuridão lhe responde. O amor fá-la entender o amor até

ao ponto de, transformado em puro espírito, se oferecer em holocausto...

Outra vez o bando de jornaleiros entra de roldão por ali dentro e a arranca de cima da mãe. Stela olha-os nos olhos. Levam-na e ela desce as escadas com os ladrões e os soldados, entrando na rua apavorante e na escuridão que lhe deita o bafo à cara e a amarfanha.

O CAMINHO DA DOR

A minha filha desapareceu. Procurei-a nas casas próximas, procurei-a com desespero na cidade. Fui à horrível Morgue onde se amontoavam os cadáveres despedaçados pela metralha. A minha filha desapareceu sem deixar vestígios. Tragou-a a noite como se a Sombra a levasse para sempre consigo. A mãe caiu num delíquio de que só saía para chamar por ela, ficando outra vez calada e trémula: – A minha filha? – A princípio deram-me esperanças, porque o seu cadáver não foi encontrado. Nem morta nem viva. Parecia na verdade que Alguém a levara para me castigar... A noite. Muito tempo debruçado sobre aquela mulher, que nem sequer me olhava, dizia-lhe: – Amanhã. – Amanhã e sempre só o silêncio, só a escuridão fechada à nossa volta. Corri a cidade, interroguei os homens, espalhei o seu retrato, e a polícia deitou inculcas em todos os bairros. Nada. E a outra, pálida e como morta, só saía da mudez para a reclamar: – A minha filha! – Espera. – Espero. Todos os dias esperava vê-la pela porta dentro. E nunca mais a deixaria sair dos meus braços.

Um dia que entrei em casa, exausto, não encontrei minha mulher que me abandonara. Melhor! Mais só, mais livre! Mas isto era filho do meu desespero... Não sei descrever o que foram esses dias numa vida alucinada e amarga – a dor de perder o único ser que amava e a de me achar isolado na vida... Fui procurar minha mulher à casa onde se refugiara, mas em vão lhe bati à porta. Desci a falar-lhe do lado de fora – não me respondeu uma palavra. E eu sabia perfeitamente que me escutava. Sabia-a arrumada às tábuas como se fosse de pedra. Estava ali pensando, muda, imóvel, implacável. Falei-lhe horas. Expliquei-me. Pedi-lhe perdão. E depois injuriei-a. E ela sem um estremeção nem um grito, transformada em estátua, bebia todas as palavras não dando sinal de vida. Sabia perfeitamente do que me acusava. Tinha-a ferido no seu amor e não havia palavras, nem lágrimas nem gemidos, que arrancassem à imobilidade aquela figura que a dor petrificara, gelando-a. Nem um ah! Silenciosa e arrumada contra a porta que nos separava, recozera em sofrimento até ao ponto de ficar impassível, até ao ponto de nem os gritos conseguirem abalá-la. Essa mudez desesperava-me. Antes me injuriasse, antes me lançasse à cara o seu rancor. Comecei então a odiá-la e ao mesmo tempo a amá-la. Amor? Não era ainda amor – era frenesi. Passei dias diante daquela casa tumular, num café ordinário, a espioná-la e a escrever-lhe cartas desordenadas que metia debaixo da porta, ou a remoer desejos e cóleras impotentes. Todos os meus amigos me tinham abandonado ou eu abandonara todos os meus amigos. Amava a noite espessa em que corria a cidade falando só. Passava pelos bairros pobres à escuta. Às vezes ouvia um riso que me parecia o riso de minha filha e uma voz que me parecia a sua voz... Nada. Nada.

Passados esses dias de agitação e de esperança, foi pior: encontrei diante de mim um negrume indiferente e um vácuo atroz – a certeza da morte da minha filha e o vácuo de quem não tem no mundo uma raiz a que se apegue. Tudo se me afigurava perdido e longínquo: as vozes dos outros homens vinham-me dum passado morto, numa vibração importuna, e os seres eram cadáveres que se moviam à minha volta, deformados e decompostos. O sol desaparecera num mundo sem luz ou iluminado por uma luz

fúnebre. Caminhava numa estepe onde nem ruínas existiam, sem fim, sem destino, remoendo ontem, hoje, sempre, a mesma ideia fixa e com uma dor ferrada que não me desamparava. Quase cheguei a habituar-me àquela companhia e a compreender que sem ela só me restava o aniquilamento. Havia, é certo, quem falasse e eu respondia como num sonho, desinteressado e abstracto. Ninguém me arrancava a certas perguntas interiores a que debalde tentava dar uma resposta satisfatória... Porque é que minha filha desapareceu sem deixar vestígios?

Sou uma besta, sou uma besta de orgulho, deixando-me levar por instintos e calcando tudo, destruindo tudo. Talvez Deus me castigasse... Mas se Deus existe e me castiga, porque castiga ao mesmo tempo dois seres inocentes, a minha mulher e a minha filha? Que Deus horrível é esse que se vinga com crueldade? Esse Deus é monstruoso. Odeio-o. E um Deus que nos atira para uma labareda, para ver como nos comportamos na vida. E além do que sofremos neste mundo, ainda nos promete o sofrimento eterno no outro. A sua intervenção é sempre desastrosa. Antes nos abandonasse, deixando-nos viver e morrer, gritar e morrer. A minha filha! a flor delicada! a minha filha que amo com desespero como nunca a ameí e que às vezes vejo morta e, pior que morta, nas mãos de bandidos que a fazem sofrer! A minha filha inocente! Quero a minha filha!... Quero-lhe dar o amor que não lhe soube dar quando a tive ao pé de mim...

Caí doente e exausto. Tudo me parecia negro como o negro desespero. Uma manhã vi a meu lado aquela figura de luto, que se arrancara ao isolamento e que me falava com bondade. Mas eu nem sequer a ouvia. O que eu ouvia – e cada vez mais alto – era o grito daquela noite – o grito que nunca mais deixou de ecoar dentro da minha alma, embora a minha alma o não quisesse ouvir: – Que fizeste da tua mulher e da tua filha? E de que te serviu a vida? Só agitação, palavras, e dois ou três sentimentos atropelados... E foi isto que fizeste à vida, e que fizeste da vida? E de tua mulher e de tua filha que fizeste? – A interrogação adquire a retumbância do juízo final, e aparece diante de mim mesmo descarnado e nu, sem farrapos que me cubram e escondam as vergonhas.

Na minha alma há uma ânsia de compreender, de chegar a compreender antes de exalar o último suspiro.

Por isso mesmo! por isso mesmo! Compreendeste agora. Então eu fi-la sofrer e ela amou-me? E amar-me era ainda o menos – gostou mais de mim do que da mãe. Isso dói-me extraordinariamente. Era uma atitude convencional que lhe tinham talvez sugerido. O que era lógico era que se afastasse cada vez mais de mim e Stela não me largava.

Por isso mesmo! Compreendes agora o que essas palavras queriam dizer?

Efectivamente eu não fiz o mal que lhes podia fazer: não as abandonei, não as maltratei – talvez por cobardia e por egoísmo – mas na minha alma representou-se sempre um drama secreto e horrível. Na minha alma nenhum esforço conteve o fantasma. E eu não sei qual é o meu verdadeiro ser, se é o homem interior, se é o homem exterior.

O pior que há no mundo é não criar uma alma... É não poder chorar. Sofrer não importa. Conserva alto esse sonho que é a tua própria alma, e sem o qual, minha querida, o mundo seria atroz. Embora sofras mais, sofre até te despedaçares. Deixa-me beijar-te os pés!

O Homem da Dor deixou-nos talvez a luta desigual e feroz para podermos vencer. Deixou-nos a dor para nos fazer descer até ao fundo de nós mesmo, para encararmos a vida e a morte na sua verdadeira expressão e erguermo-nos até à luz.

Nunca cri que Stela o tivesse visto, e no entanto devo dizer que o vejo também. Mas outra luz o ilumina. Não é uma figura meiga, é uma figura tremenda. O Jesus que eu vejo é um eterno sacrificado. Pregado um dia na Cruz, nunca mais deixou de ser pregado na Cruz. Todos os dias sobe sem descanso o mesmo eterno calvário – todos os dias recebe os mesmos insultos e os mesmos chascos. Não se passa um minuto sem que lhe não abram a mesma chaga do mesmo lado do peito. E ser crucificado uma vez é nada – há-de ser crucificado enquanto houver homens na terra.

Reconheço agora que me tem perseguido sempre e que cada vez se aproxima mais de mim. Sai-me ao caminho quando menos o espero. Finjo que o não vejo, mas está aqui presente. Finjo que o esqueço, mas a sua Sombra ergue-se atrás de todos os meus pensamentos... Existe ou não existe? E se existe, quem é que pode olhar para ele? quem se atreve a encará-lo?...

Por isso mesmo! por isso mesmo! – são as palavras que Ele me inspira e que não quis entender nem ouvir. Dilaceraram-me. Mais um passo e vejo minha filha resplandecer no outro mundo. Encaro com Silvia ao pé de mim e reconheço, com terror e espanto, que minha mulher se conserva pura e inocente como na primeira hora.

Não há nenhuma prova histórica de que Ele existisse – mas sente-se nas folhas dos Evangelhos a sua respiração. E existir ou não existir não tem importância nenhuma. Não existir é talvez a maior prova da sua divindade.

Tudo desapareceu – os amigos – as questões – as perguntas e as respostas – só a eternidade avança para mim com um negrume pavoroso e entranha-se-me na alma.

Tudo cada vez mais reduzido a sombras – e a Morte e outra coisa pior a avulta todos os dias...

O melhor do mundo, o sofrimento, as lágrimas, a piedade, de Ele derivam e para Ele tornam – e Ele não existe.

A amizade é, como diz alguém, uma prova da existência de Deus. Mas a amizade é na velhice como uma pedra de lar onde só há cinzas frias. Apagou-se todo o lume e só a Morte se ergue na nossa frente – no caminho gelado para a morte, só essa figura tomou todo o horizonte. Isolo-me. Gelo... Como eu queria que tu existisses para cair a teus pés, amolgado como um farrapo, inútil como um farrapo, mas sincero até ao fim nas minhas dúvidas e no meu exaspero.

Começou para mim um período obscuro em que tive de defrontar cara a cara com a minha alma. E isto sem subterfúgios, num debate incessante, não podendo fugir a mim mesmo dia e noite. – Escusas de me perseguir: eu sou assim... Desesperado, comecei por atribuir a Sílvia, como me sucede sempre, todas as culpas e até a morte de minha filha. E o grito não me largava...

...Mas se pequei por egoísmo e orgulho, que Deus é este que, para me subjugar, mata a minha filha inocente? Esta exigência de Deus, aceitando Stela em holocausto,

parece um escárnio de fazer desabar as estrelas. A eternidade da separação é outra ideia que me aterra. Nunca mais! Nunca mais torno a vê-la? E os dias sucedem-se como um anoitecer perpétuo e gelado, tendo diante de mim a mesma visão e as mesmas dúvidas. Deus levou-me para que eu reconhecesse a verdade? Mas que verdade sai desta dor e deste vácuo? Nunca mais Se eu pudesse encontrá-la noutra vida!

Só minha mulher se acalma e espera, porque tem a certeza de a tornar a ver no céu. Ela aqui está a meu lado, tão diferente, suportando agora a vida sem espalhato nem teatro. Amarfanhada e calada. A dor modificou-a e modificou-me. Onde ela passa, passa um grande escultor. Ambos olhamos um para o outro encarando as nossas figuras na sua verdadeira essência.

Outro mundo surge diante dos meus olhos e dele não posso arrancar os olhos. Não o aceito e impõe-se-me. Não aceito o sofrimento como uma purificação e ondas de desespero avançam para mim e me submergem. Resta-me uma alma despida e sequiosa, a debater-se num inferno de negrume. Estou seco, cada vez mais seco, seco como os calhaus, e tenho de extrair deste deserto uma gota de água que não existe. Tenho de me arrepender e não me posso arrepender. Debalde brado por Jesus, em vão lhe peço o arrependimento ou a morte. Aqui estou, sabendo que Ele existe, e cada vez mais desesperado e mais seco.

Ao mesmo tempo que creio – ao mesmo tempo duvido. Ao mesmo tempo que me submeto, ao mesmo tempo rio de mim próprio. O que eu procuro afinal é fazer uma transacção com Deus. Dá-me a minha filha e eu creio. Dá-me a minha filha e eu subordinó-me. Faz um milagre! O que eu quero é a Vida. Afinal o que tu procuras é outra vez a Vida!

Agarro-me com desespero à única figura sobre-humana que conheço e que resplandece entre os destroços deste mundo horrível. Se Ele não existisse, isto era pior que atroz – era um escárnio, e só teriam razão os que o atravessam destruindo-o. Todos os pobres, todos os desgraçados, todos os que sofrem, seriam grotescos... Mas onde cabe esse céu tão pequeno, no galgão onde só existe o nada dobrado sobre si próprio, a contemplar-se, e rodilhões de estrelas atiradas sem destino – de espaços inúteis sem nome – e de Vida frenética, e de Morte frenética?...

E se não for Jesus, em que hei-de crer? Na escuridão vazia dos céus, ou no meu desespero?

Não sei que amigo meu me disse um dia que os poetas latinos olhavam para o céu e só lá viam negrume. Eu olho para a minha alma e só lá encontro aridez. Tão pouca coisa e tanto orgulho. Duas ou três sensações e segura. O fantasma desordenado que se punha a falar e a agitar-se, que coabitava comigo e era talvez a minha verdadeira vida, desapareceu para sempre, deixando-me um vácuo insubstituível na alma. Valia apena? Não sei se valia a pena, fui atirado para este caminho, por forças a que não pude resistir. E arrancadas uma a uma, todas as plantas do mal, encontro-me num jardim deserto onde tanto faz estar vivo como morto.

Ainda que a alma não exista, ainda que eu não tenha uma alma, arrasto esta ignomínia até Jesus e ponho-a a seus pés. Jesus, reclamo o teu auxílio. Quero-me unido a ti. Abandono-me. Aqui está o meu coração seco como as pedras. Esmaga-o para que sofra ainda mais. Quero seguir-te seja como for, e quanto mais dilacerado melhor –

quero abraçar-me à tua cruz. Purifica-me ainda que seja pelo fogo. Quero amar-te. Quero despir-me até ao ponto de em mim só restarem lágrimas para chorar. Leva-me pelo caminho da Vida, embora eu duvide e me dilacere, embora do coração não possa extrair mais que uma lágrima de ternura, e da minha miséria mais que um grito de amor. Jesus!

Do fundo do poço ascende, ao mesmo tempo que um sentimento de frieza, a desconfiança de que estou a apelar para o nada. Esfarrapo-me. Procuro-te a rasto para te beijar os pés: – O meu Jesus! – E outra risada ouço distintamente, por mais que a queira sufocar. Minha alma estéril só produz cardos. Mas esses cardos quero depô-los aos pés da Cruz.

Nem uma pedra a que me agarre... Mas o silêncio abre clareiras nas almas, e, se desencadeia instintos ferozes, também nos obriga a um debate que só tem como limites a beleza suprema. É no silêncio e na noite que construímos para o bem e para o mal. As palavras extraordinárias de Pascal: «Jesus Cristo agoniza até ao fim do mundo e não se pode dormir enquanto Ele sofre» – gravaram-se-me a fogo. A parte tremenda da religião que minha mulher nunca viu, está diante de mim como um abismo de que não posso arrancar os olhos. A morte aparece-me na sua verdadeira expressão, e só agora compreendo o que ela contém de vida. Ao mesmo tempo que me aterra, seduz-me. Deslumbra-me. Ofusca-me como se visse o castigo e o fogo, através do qual passa um bafo de frescura e de paz onde em vão tento chegar... – O minha besta, tanto faz calcar-te como não, levantas sempre a cabeça! Crês e recuas. Crês e escarneces-te. Crês e ris-te. (Façam nisto a parte que em mim há de histrião, que ainda fica a dor que vem à superfície...)

Pedi-te a graça, deste-me a segura. Deste-me um deserto onde só vejo o sofrimento eterno. – Dormir! dormir depois das nossas dúvidas; dos nossos desesperos e dos nossos crimes! dormir dum sono de que se não acorde mais no grande silêncio do mundo! de que se não acorde para sermos julgados, para que este grito desesperado cesse por uma vez.

– Que fizeste da vida? – E de tua mulher e de tua filha que fizeste!?

Dá-me o suor da agonia. Dispo-me de tudo – calco tudo aos pés. A tua coroa de espinhos, aperta-a contra o meu coração. Dá-me o suor da tua agonia – mas dá-me outra vez minha filha viva!

O meu fantasma partiu aos gritos de desespero, e só agora, que me deixou, é que compreendo como o amava. Ficou uma habitação sem inquilino, tão calma que me irrita. O meu maior crime não seria ignorar a Vida e maltratá-la? O melhor da minha vida não seria essa discussão comigo mesmo, esses gritos, esse esfarrapar de todo meu ser? A vida não seria o fantasma?

Agora não! agora estou arrependido, convertido e inútil.

SERENIDADE

Pouco e pouco caí num torpor de que não havia arrancar-me. Fomos para a aldeia. A minha tristeza era mortal. Para mim a natureza não existe e ninguém me tirava dum mutismo que durou quase um ano. Stela? À minha volta move-se a outra figura nas

pontas dos pés. Uma fisionomia cansada, mas radiosa e terna e ao mesmo tempo a expressão profunda de quem se renova devorada pelas lágrimas. Há nela o quer que é de contido e através da antiga imagem começo a entrever outra imagem mais bela. Ainda arreganha o beijo para mostrar a húmida brancura dos dentes, sinal talvez de voluptuosidade. Cuido que ainda sonha – mas já sabe o que a vida amarga e conhece o perigo de se deixar levar pela exaltação. Tudo passou pelo fogo. E o tipo exausto perdeu em exterioridades e ganhou em intimidade. Duas ou três dedadas bastaram. Fala pouco. Apaga-se. Os passos da vida só os dá com medo de magoar a vida. Amo-a como nunca a amei e beijo com mais ternura os seus cabelos depois que estão brancos. Amo-a pelo presente e pelo passado, pela dor e pela desgraça. Neste sentimento há também saudade. Beijo-a desde o presente até ao primeiro dia em que a beijei. E cada momento que passa é mais um laço que nos une. Reparo no que nunca tinha reparado. Em que vivi numa sofreguidão só pensando no dia de amanhã – reparo em todos os seus gestos, porque está linda – reparo sempre na sua alma que a reveste de claridade e a minha vontade é arrastar-me ali aos seus pés para lhos beijar.

Que tiraste então duma luta de que saíste esfarrapado? Uma alma. Foi do contacto com a sua alma que aprendi que a alma existe. A dor transformou-nos a mim e a ela.

Um dia destes entrou-me pelo quarto dentro transfigurada:

– Vieram as andorinhas! vieram as andorinhas!

Olhei para os seus cabelos brancos... Esse grito ingénuo salvou-me – porque compreendi que me queria salvo. Compreendi que o seu amor resistira e renascia. Compreendi outra coisa: entre nós havia uma grande mágoa que se ia atenuando, e uma força nova que nos ligava na vida e na morte. Nunca mais me falou na religião, mas eu sabia já que a vida é um acto religioso ou um acto brutal e inútil. Ela quer que o seu amor não dure só um momento, eu começo a desejar que o nosso amor dure a eternidade. Uma luz pura entra na minha alma e deslumbra-me. O importante neste mundo talvez não seja procurar a verdade – talvez seja amar.

E amar não consiste em fazeres o teu dever – nem mesmo em te despires pelos outros – amar é uma irradiação. Amar é um estado de graça. Poder amar é quase ser Deus.

Só agora é que a nossa união é completa. Porque não é completa a união entre dois seres que não sentem e não pensam da mesma maneira.

A luz vem do alto.

Outro facto extraordinário transformou a minha vida. Pareceu-me sentir a minha filha aproximar-se de mim. Sinto a minha Stela outra vez a meu lado... Não me iludo. Sei que nos olha...

É ela que nos une. As nossas almas vêem-se pela primeira vez, O meu Senhor Jesus Cristo, eu não soube amar nem amar-te! As minhas lágrimas não serviram de nada – foram as suas lágrimas que me salvaram, O meu arrependimento foi inútil até o pôr aos teus pés, e até saber que é imperfeito todo o amor que não é absoluto. Para qualquer lado que erga os olhos só esta figura se eleva acima do deserto e sem ela o mundo me pareceria atroz. Para ela estendo os braços. Ser cristão é dares-te aos outros. É ser tão pequeno e tão grande ao mesmo tempo que raros suportam esse peso...

O homem e a mulher só podem viver ligados espiritualmente. Desde que intervém a sensualidade ou o hábito, a união torna-se ascorosa. Todo o casamento que não é feito para o céu, é sempre uma prostituição pior que a outra.

E fica sabendo também que no casamento até o que pensas não é indiferente para a tua felicidade neste mundo e no outro. Qualquer insignificância degrada um ser puro – degradam-no e reflectem-se na sua alma os teus mais íntimos e obscuros pensamentos. Degrada-la se não és tão claro e tão límpido como ela. Ainda que vivas mudo como um sepulcro, cria-la pouco e pouco à semelhança da tua alma. Para a rebaixares basta que sejas torpe, embora as tuas palavras o não sejam. Essa ligação é tão extraordinária, com raízes no céu e na terra, que dois seres diferentes acabam ao fim de algum tempo por pensarem da mesma maneira e dizerem as mesmas palavras. Eu não preciso agora de falar para que ela me ouça. Basta-me reflectir em silêncio para que ela repita alto o que eu penso baixinho. Somos um ser, um único, extraordinário ser diante de Deus e dos homens.

Continua a haver na sua vida qualquer coisa de criança exaltada. A ingenuidade é a mesma, apesar dos cabelos brancos. Sinto o nosso amor purificar-se e crescer em delicadeza. Diz-me: – Eu já não sou bonita.

E nunca foi mais linda.

Mais alto que a vida imediata e as vegetações obscuras dos nossos interesses, paira outra vida que lateja e se aproxima cada vez mais de mim. Mais forte que a morte existe outra coisa essencial que me comunica ternura...

A noite perfumada aperta-me contra si como um ser vivo. A noite com as estrelas e a massa de pinheiros perfilados que me deitam o bafo à cara. A noite com a sua exaltação magnética e a escuridão viva, o silêncio vivo. Falam as árvores umas com as outras e a água fala baixinho. Entre fios azulados de luar, entre charcos de luar e escuridões inexploradas, ouço tudo: o regato passando entre choupos, o estremecer dos ramos, a folha que cai e a mouxela que sai do buraco. Ouço os veios na erva e tudo que não tem nome neste silêncio sagrado. Todos os cantos se fundem – a voz límpida do sapo e a voz extraordinária do rouxinol nos salgueiros ao pé do rio onde se junta a névoa. Ouço a voz tão baixinha dos bichos que não têm voz e a respiração da noite no silêncio que sinto contra o meu peito.

– Ouve... Chamam-nos.

Uma figura vem da direita, onde as sombras são mais espessas – e no luar azul que derrete e coalha, a forma branca nos sorri.

– Nunca mais saímos daqui.

– Nunca mais.

Fechamo-nos como um avaro com um tesouro. Fora dos nossos muros o mundo não existe. Não sonhei. Pouco e pouco deixei-me levar pela mão de minha filha, deixei-me guiar com enternecimento. Esta comunicação com uma alma foi o grande laço da minha existência. Todas as inutilidades desapareceram. Vivemos num mundo encantado, cada vez mais unidos, todos três unidos no mesmo amor. Com os anos que passam sinto-a a meu lado crescer como uma flor. Viva – mais viva do que eu, acompanhando-me na vida. A todo o momento a sinto. A sua mão pousa nas minhas e posso acariciar os seus cabelos. Por um acordo tácito – por medo que desapareça ou que sofra – não trocamos palavra. Mas está aqui maior e mais linda... Como hei-de dizer isto? Como hei-de dizer que está viva e morta?... Que sinto o seu hálito, a frescura da sua pele e o beija casto da sua boca? Como hei-de dizer que vivo para um fantasma, não

como fantasma, mas como um ser extraordinário que se transforma de criança em mulher, só espírito e beleza? Tenho-a comigo e sempre comigo. Ouço o arfar da sua respiração. Debruça-se sobre mim e inunda-me de claridade. Acordo com os seus beijos. Todo o contacto espiritual é um sortilégio onde há eternidade. A expressão desta alma imaterial e angélica, é duma graça harmoniosa e duma doçura divina – Julieta que floriu nos jardins mágicos do céu... Por vezes lhe digo: – Minha pobre filha, tu queres, bem o sei, forçar a porta da vida para te misturares à nossa existência. Na realidade só tu vives, nesta casa erma e triste. Esta tarde encostaste tanto a tua cabeça à minha que senti o perfume dos teus cabelos e o apaziguamento das minhas dores. A tua mensagem está perfeitamente compreendida. Tocaste-nos não só a mim mas a todos os nossos mortos. O teu aéreo fantasma tem uma força tão grande, que não só nos reuniu a mim e à tua mãe no mesmo amor, como feriu a raiz da vida. O teu sacrifício não foi inútil. Ofereceste-te em holocausto para que eu entendesse o amor. Morreste para eu poder viver. Reuniste-nos na terra e no céu, e pela tua mão nos conduziste aos pés de Cristo. Desapareceste para me salvar – porque não foi a dor que me resgatou – foi o amor que me remiu. Só por ti soube que Deus é uma tremenda realidade, e que tudo que não é posto a seus pés não tem duração nem beleza.

Luar, fios que tremulam, grandes poças de luar e negrumes calados e atónitos. O azulado estremece diante de mim como babas que reluzem a jorros, cada vez maiores, cobrindo a eira e pesando sobre o casebre. Luar vivo e animal como um corpo denso, esmaga aquelas quatro paredes de alvenaria. A noite é mecânica e quase absurda. A noite é horrível. Meteu-me sempre medo porque me tira do âmbito restrito da vida para me lançar num mundo infinito; – ameaça a minha construção espiritual, de Deus, de Deus que me ampara, para me mostrar, queira ou não queira, uma coisa sem limites onde não tenho lugar senão como acaso.

RISO

...Mas então foram elas que me venceram e me reduziram à condição de trapo!

De quando em quando vinha-me, é certo, um ímpeto de fugir, enquanto o cerco tremendo se não apertava. Não podia: vivo ou morto havia de fazer o que elas quisessem. Mas sabia que era tudo mentira e para sair do cárcere batia com a cabeça pelas paredes. Dou dois passos e contemplo a vida com todo o seu amargor.

O meu fantasma ergueu a cabeça e nunca mais se cala. O seu riso de escárnio recomeça e sobe até ao deserto do céu. Não o contendo. Não posso, nem quero... O que me perdeu foi talvez não me ter atrevido. Foram as falsas concepções do bem e do mal. Foi o medo. O medo é que não me deixou viver. O que eu devia era ter quebrado tudo e ter varrido tudo. Assim não vivi nem elas viveram. Perdi a vida e rio-me de mim mesmo. Chego ao que mais temia – a confessar que não vivi por causa de fantasmagorias. Agora torna a viver! Agora torna ao princípio! Todas as construções me parecem efémeras. Só o vácuo me atira o bafô gelado à cara e entrevejo o silêncio desconforme onde falar e estar calado é tudo a mesma coisa. Então... E o fantasma que voltou, põe-se a pregar, passeando de cá para lá...

A minha filha anda no país do sonho com os ladrões e os soldados. Um dia, na escuridão duma viela, entrevi o seu vulto, que logo desapareceu para sempre. Outra vez corri toda a noite atrás duma figura imaginária e ouvi risos e apupos. Tenho a certeza de que me despreza porque me alimentei de quimeras. Sustentei-me de palavras. Subordinei-me. E a figura com que aparecia aos outros não é a minha verdadeira figura.

– E o meu fantasma desgrenhado toma outra vez posse de mim.

Tenho-lhe medo e amo-o. Odeio – e não posso desviar dele os olhos deslumbrados. Posso dizer que eu nunca vivi. Quem viveu foi ele – porque só contam na minha vida os minutos em que actuou. É um morto? Nunca ninguém teve mais vida!... Nos outros não sei – em mim é ele quem predomina. Umhas vezes ri-se, outras escarnece-me, outras impele-me. Tenho-o tido toda a vida a meu lado, esfarrapado, aos gritos, falando-me ao ouvido ou desatando a pregar e só à custa de esforços extraordinários o contenho. E morro sem saber se é ele – se sou eu quem tem razão.

Ninguém na realidade me conhece. Ninguém conhece a figura extraordinária que eu sou e que tu és.

Posso amar uma pessoa, amá-la até ao sacrifício, que num momento, por futilidade, ele obriga-me a desejar a sua morte. E depois ri-se. Ri-se dos outros – e principalmente de mim. Tem sido uma personagem sempre a bradar e a representar no deserto. Até quando está morto, é ele que representa de morto.

E ainda o que queria dizer não é nada disto. O que teria importância era estatelar aqui o fantasma que me persegue e que é o meu verdadeiro ser – com as suas discussões obstinadas comigo mesmo.

No negrume onde tento em vão encontrar a que me apegue, só a sua voz ilumina o caminho. Em vão clamo no isolamento. Debalde chamo por Ele. Todas as noites chamo por Ele – mas o que eu sinto à minha volta é um frio mortal e só ouço a voz que me acompanhou sempre e que continua o debate. Todos os dias dou um passo para o negrume com dor e amargura e cada vez mais convencido de que a vida não está nos seres e nas coisas com quem lido, nas atitudes que tomo, nas relações que mantenho – a vida está nesta personagem que acorrento e no drama interior quase sempre diferente do drama exterior...

Só o meu fantasma existe no mundo de sonho, onde ela anda perdida com os ladrões e os soldados – e o debate entre o absurdo e o absurdo é que é a vida. Mas agora domino-o. A força conquistei-a através da dor e da incoerência. Não é Ele que me subverte, sou eu que o submeto. Esfarrapa-me, esfarrapo-o. Não choro sobre a minha secura – não apelo para a voragem doirada e imensa que me rodeia. O que me rodeia não me conhece. É impiedoso e amargo – mas até essa rudeza me retempera. E chego ao fim exausto, caindo e levantando-me – desesperado e vivo.

Agora estou nu diante das estrelas.

Setembro, 1930.

Obra digitalizada e revista por Ernestina de Sousa Coelho. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2001

<http://www.ipn.pt/literatura>
